

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROFLETRAS – FACULDADE DE LETRAS

Desirê Adrienne Oliveira Gonçalves

ALUNO-AUTOR:
a aprendizagem da leitura e escrita a partir de narrativas de mistério

BELO HORIZONTE

2018

Desirê Adrienne Oliveira Gonçalves

ALUNO-AUTOR:
a aprendizagem da leitura e escrita a partir de narrativas de mistério

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Chiaretto

BELO HORIZONTE

2018

Ao meu filho Luís Felipe.

Não fui o que os outros foram
Não vi o que os outros viram
Mas por isso, o que amei,
Amei sozinho.

(Edgar Allan Poe)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marcelo Chiaretto, não só pelo trabalho de orientação, mas também pela amabilidade e segurança com que me conduziu.

A minha família, pelo incentivo e por acreditarem em mim.

Aos professores do programa Proletras, pelos ensinamentos valiosos.

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, pelas sugestões de melhoria.

Aos amigos que conquistei, que me incentivaram, pela cumplicidade, amizade e pelos ensinamentos compartilhados.

RESUMO

Sabe-se que o ensino da leitura e da escrita vem se modificando e se modelando de acordo com a sociedade na qual estamos inseridos: uma sociedade globalizada, em que os alunos são seduzidos pelas tecnologias, abandonam a leitura e tornam, assim, cada vez mais difícil o trabalho do professor de Língua Portuguesa. Busca-se uma nova abordagem para o ensino da leitura e escrita, o que chamamos de letramento, no qual ler e escrever adquirem um novo olhar por parte dos alunos. A problemática deste trabalho foi: como trabalhar a leitura e a escrita de forma eficiente? E o objetivo geral: propor atividades diferentes que motivassem os alunos para a leitura e a escrita. A ideia foi elaborar oficinas de leitura e escrita, a partir da leitura de contos de suspense/mistério pelos alunos do 7º ano. As atividades elaboradas estão ancoradas na perspectiva dialógica e responsiva da linguagem. Para tanto, foram realizadas leituras para um embasamento teórico acerca das teorias de leitura, teoria do conto, letramento literário. Autores como Tzvetan Todorov, Nádya Battella Gotlib, Antonio Candido, Maria da Glória Bordini, Ligia Cademartori, Julio Cortázar, Rildo Cosson contribuíram de maneira ímpar para dar vida à ideia de trabalhar a leitura e a escrita por meio de contos. A conclusão a que se chega é que o letramento pode ser trabalhado por meio de atividades lúdicas, diferentes do simples preenchimento de fichas de leitura. A leitura pode e deve conduzir a escrita, uma atividade realizada de forma eficaz quando o aluno vê sentido no que produz, quando existe uma resposta para o que foi produzido, quando a relação dialógica de fato se consolida.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, escrita, dialogismo.

ABSTRACT

It is known that the teaching of reading and writing has been changing and being modeled according to the society we are part of, a globalized society, in which the students are seduced by technology and abandon reading. It thus makes the Portuguese language teacher's work more difficult. It is searched for a new perspective to the teaching of reading and writing through what is called as literacy, in which the acts of reading and writing receive a new look from the students' point of view. The research question was: how could the work of reading and writing be more efficient? The main objective is to propose different activities to motivate students to read and write. So, the idea was to develop workshops with thriller or mystery themed short stories for 7th grade students. The developed activities are based on the dialogic and responsive perspective of language. For that, readings were made to compose the theoretical basis on the theories of reading, theory of the short story, and literary literacy. Authors such as Tzvetan Todorov, Nádia Battella Gotlib, Antonio Candido, Maria da Glória Bordini, Ligia Cademartori, Julio Cortázar, Rildo Cosson contributed in a unique way to give life to the idea of working with reading and writing using short stories. The conclusion is that we can work with literacy through playful activities, instead of simply filling book reports. Reading should lead to writing, an activity that is effective when the student makes sense of what he produces, when there is an answer for what was produced, when the dialogic relation actually takes place

KEYWORDS: reading, writing, dialogism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edgar Allan Poe.....	12929
Figura 2: Júlia Lopes de Almeida	12929
Figura 3: Conto “O caso de Ruth”	1300
Figura 4: Detalhe do conto “O caso de Ruth”	1300
Figura 5: Detalhe do conto “O caso de Ruth”	1311
Figura 6: Detalhe do conto “O caso de Ruth”	1311
Figura 7: Conto “Missa do galo”	1322
Figura 8: Conto “Missa do galo”	1322
Figura 9: Texto baseado em “A cartomante”	1333
Figura 10: Desenho baseado em “A cartomante”	1344
Figura 11: Imagem de livros selecionados pelos alunos	1355
Figura 12: Atividade em sala de aula	1366
Figura 13: Oficina de criação textual	1366
Figura 14: Oficina de criação textual	1377
Figura 15: Exemplo de texto produzido por aluno	1388
Figura 16: Exemplo de texto produzido por aluno	13939
Figura 17: Intervenção de aluno de outra escola	1400
Figura 18: Intervenção de aluno de outra escola	1400
Figura 19: Intervenção de aluno de outra escola	14040
Figura 20: Intervenção de aluno de outra escola	1400
Figura 21: Intervenção de aluno de outra escola	1411
Figura 22: Ilustração feita por um aluno.....	1433
Figura 23: Ilustração feita por um aluno.....	1433
Figura 24: Quatro alunas preparadas para encenar um conto	1444

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A literatura no processo de formação de novos leitores	13
2.2 O conto enquanto gênero	17
2.3 Por que a tipologia narrativa e por que a temática de mistério?	24
2.4 Projeto de letramento	26
2.5 Correção das produções	29
2.6 A importância da escrita	32
2.7 Motivação	35
3 OBJETIVO GERAL	37
4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	37
5 JUSTIFICATIVA	377
6 METODOLOGIA	39
6.1 Comentário sobre os contos escolhidos	43
6.1.1 Missa do galo	43
6.1.2 O caso de Ruth.....	433
6.1.3 A caolha	444
6.1.4 O retrato oval	45
6.1.5 O gato preto	455
6.2 A mulher se destacando nos contos escolhidos	46
7 OFICINAS A PARTIR DAS LEITURAS DOS CONTOS SUGERIDOS	477
Mandamentos da contação de histórias.....	766
7.1 Comentário sobre o trabalho desenvolvido	78
7.1.1 Como foi a recepção da oficina?	788
7.1.2 Observações a partir das oficinas	788
8 MUDANÇA DE RUMO – UMA NECESSIDADE	79

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	800
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS	888
ANEXO A - CONTOS SELECIONADOS	888
A.1 A cartomante, de Machado de Assis	888
A.2 Missa do galo, de Machado de Assis	966
A.3 A caolha, de Júlia Lopes de Almeida	1033
A.4 O caso de Ruth, de Júlia Lopes de Almeida	1099
A.5 O gato preto	116
A.6 O retrato oval, de Edgar Allan Poe	126
ANEXO B - Apresentação dos contos lidos pelos alunos.....	12929
ANEXO C - Textos produzidos na oficina “A cartomante”	1333
ANEXO D - Livros selecionados pelos alunos para leitura em casa	1355
ANEXO E - Atividades realizadas a partir da proposta da leitura e escrita das narrativas de suspense	1366
ANEXO F - 1ª versão das narrativas produzidas.....	1388
ANEXO G - Comentários a partir da leitura feita pelos colegas do 7º ano de outra escola.....	1400
ANEXO H - Versão final de um dos textos	1422
ANEXO I - Ilustrações feitas por um aluno a partir do tema escolhido:	
Suspense/mistério	1433
ANEXO J - Entrando no clima:	
“totalmente”	1444

1 INTRODUÇÃO

Vivenciamos hoje, no Brasil, um cenário de graves problemas educacionais, principalmente aqueles relacionados à questão da leitura e produção de textos. Tal fato se deve, entre outros aspectos, à falta de motivação dos estudantes para a atividade da leitura e, conseqüentemente, para a escrita. Um dos ambientes, se não o principal, onde os estudantes têm acesso à leitura e à escrita é a escola. Por isso mesmo, a escola e, sobretudo, os professores devem buscar estratégias que motivem o aluno e o levem a desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) indicam que a Educação deve se comprometer com a cidadania e oferecer aos alunos textos de diferentes gêneros para que eles possam desenvolver as diversas competências necessárias ao exercício da norma-padrão. Sobre isso, vale destacar que nós, enquanto professores, questionamo-nos muitas vezes procurando respostas para o desestímulo dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, desestímulo que vai crescendo à medida que avançam em sua escolarização. Ao chegar ao 6º ano, os alunos mostram-se interessados, curiosos, desejosos de aprender cada vez mais, gostam de escrever, têm uma criatividade aguçada, querem que o outro leia/ouça aquilo que escreveu, acreditam que a escrita é uma oportunidade para se expressarem. E onde ficaram esses alunos? Em que momento da aprendizagem os perdemos e nem nos demos conta? Por que o encanto acabou?

Uma tarefa do professor de Língua Portuguesa é, sem dúvida, trabalhar a leitura e a escrita. É nesse universo que o profissional do ensino precisa e pode criar condições para a inserção dos alunos nas práticas de leitura e escrita instituídas socialmente. Sob tal perspectiva, este projeto busca explorar a capacidade do aluno de 7º ano de realizar operações textuais (leitura e escrita) e intervir no próprio texto, assumindo-se como enunciador. Pensou-se em um projeto de ensino partindo da leitura das narrativas de mistério, por serem as preferidas pelos alunos de 11 e 12 anos, levando-os a uma estimulante leitura e produção de textos. Nesse percurso, é possível observar os processos de planejamento textual que o aluno vai construindo ao longo dos processos de leitura e escrita.

O projeto de ensino proposto mostra que o aluno vai, gradativamente, ganhando o controle das situações propostas de leitura e escrita e, desse modo, aprendendo a lidar automaticamente com cada uma delas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Hoje, mesmo diante de tantas possibilidades de leitura, com tantos sucessos editoriais, levar o aluno a ler parece ser tarefa cada vez mais difícil. Em época de circulação de textos multimodais, com os quais o aluno tem contato o tempo todo, é desafiador propor-lhe leituras. Anne-Marie Chartier (2005) nos diz: “se queremos formar o gosto pela leitura nos alunos, não é possível prometê-los prazer imediato e o tempo todo” (p. 129). Em um período de “imediatismos” e “prazeres fáceis”, essa tarefa parece ser de fato complexa e exaustiva.

Sobre tal afirmação, a mesma autora ainda esclarece:

O importante não é levar a ler literatura, mas, simplesmente, transformar as crianças e jovens em leitores. Pelas leituras infanto-juvenis, a criança, e depois, o jovem, vai se construir como um leitor autônomo e continuará, em seguida, a ler o que quiser, como por exemplo, revistas e jornais. É preciso manter o leque de opções o mais aberto possível, afirmando que o importante é que cada um possa encontrar alguma coisa que lhe agrade, e que sempre é melhor ler alguma coisa do que nada ler (CHARTIER, 2005, p. 132).

Pode-se inferir que é preciso despertar o interesse dos alunos, provocá-los. Assim, poderão se sentir estimulados a tirar proveito das atividades propostas, levando-os a uma mudança de comportamento. Os alunos do Ensino Fundamental, principalmente os mais novos, querem aprender, gostam de escrever. Portanto, de um lado, há alunos que têm o principal – a vontade de aprender; de outro lado, está o professor, que precisa dar o melhor de si para não os decepcionar.

Nesse processo, é importante estimular a curiosidade pela leitura a partir de diversos gêneros textuais. Mais importante que conhecer o gênero, é ser tocado pelo texto. Nesse sentido, a leitura tem esse propósito. No entanto, isso nem sempre acontece e a escola tem sua parcela de culpa ao assumir uma postura mais tradicional quando negligencia a liberdade do aluno, enxergando-o como um leitor passivo. Diante de tal quadro, o trabalho com contos de mistério poderá proporcionar aos alunos uma oportuna interação. O aluno precisa interagir com o texto, e isso só acontecerá se ele for minimamente respeitado em seus interesses. O

gênero “conto de mistério” poderá ajudá-lo, uma vez que se constitui em uma narrativa que não deixa de apresentar os elementos que conseguem prender a atenção e despertar sensações variadas: prazer, fantasia, desejos e medos. Além disso, ainda pode fornecer material para inspirar o aluno em sua produção textual. Segundo Bakhtin (2011),

a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. [...] Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem (p. 265).

De acordo com Bonoli (2008, p. 17), quando de fato amamos aquilo que lemos/ouvimos, permanecem em nós o “enforcamento dos lábios de um contador de histórias” e nos encontramos incapazes de parar a leitura de um livro, tal é a tensão que nos causa. Para atingirmos o objetivo de levar o aluno à leitura e à produção escrita, é preciso antes entender como se processam as escolhas dele, que caminhos percorrem para selecionar suas leituras.

Sobre tal enfoque, Geraldi (2012) informa que

Para mantermos a coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, devemos nos conduzir a uma mudança de atitude - enquanto professores - ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agirmos como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. (p. 128).

Compreender esse caminho significa deixar claro que é possível levar o aluno a acessar a imaginação, a criatividade, fazendo com que ele tenha autonomia, compreenda suas limitações e seus potenciais. É preciso dar voz ao sujeito (aluno), permitindo assim que possa se expressar e manifestar suas preferências.

Compete, então, ao professor de Língua Portuguesa prestar mais atenção aos alunos para perceber seus interesses na leitura e, conseqüentemente, na escrita. Assim, o educador poderá transformar as aulas num momento de interação em que o aprendiz possa ser ouvido, tendo seus interesses levados em conta.

2.1 A literatura no processo de formação de novos leitores

A leitura é uma atividade humana, uma forma de comunicação que tem a escola como responsável pela sua aprendizagem. No entanto, nem todos veem da

mesma forma a leitura. Ler é algo que se entranhou na vida do sujeito. Sendo assim, rejeitar a leitura seria o mesmo que rejeitar o trabalho realizado pela escola.

O texto, que se constrói mediante a leitura, depende da disponibilidade do leitor em aceitá-lo e dar-lhe então sentido. Schopenhauer (2005) disse que, quando lemos, ocupamo-nos com os pensamentos do outro. A leitura acontece a partir de uma relação dialógica entre leitor e autor. Ao interagir com o texto, o leitor/interlocutor constrói sentidos, expõe suas relações com a língua, exterioriza seus conhecimentos prévios, preconceitos, pontos de vista.

De acordo com Regina Zilberman (1985), quando lemos abandonamos nossa própria segurança para ingressar em outros modos de ser, refletir e atuar.

Infelizmente, ler tem se mostrado algo difícil de propor aos alunos hoje em dia. A atividade de leitura, quando realizada, não é feita com prazer e os alunos não veem sentido nela. Existe uma “crise de leitura” que apareceu após o surgimento/desenvolvimento das tecnologias presentes no mundo moderno. Adorno (2003) observa que o homem moderno não tem o que narrar num mundo onde impera a mesmice. O indivíduo acredita que ler seja uma atividade ultrapassada.

Em meio à competição entre os variados meios de comunicação, a literatura precisa fazer a diferença na vida dos alunos, mas, para isso, precisa ser atraente àqueles que estão acostumados ao mundo de recursos midiáticos, mundo de técnica e automação.

Segundo Bordini e Aguiar (1993), a leitura torna o indivíduo capaz de compreender o meio em que vive e seu papel como sujeito na sociedade. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar informações sobre a humanidade.

Leite (2001) diz:

O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação (p. 12).

O texto literário permite que pensamentos sejam expostos por leitores da sociedade em que vivemos, ao mesmo tempo em que mostra o homem em épocas diferentes, em lugares diferentes. A obra literária ajuda o leitor a construir sua visão de mundo, rever conceitos e posicionar-se. Interagindo com o texto, o leitor produz

sentido a partir de seus conhecimentos, suas experiências, vai preenchendo as lacunas existentes, pois a linguagem literária revela mais do que diz.

Segundo Lajolo (2001), a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. A escola deve promover o “encontro” entre o leitor e o texto; por isso, é importante criar oportunidades de leitura de textos literários com o objetivo que despertar a predisposição para a leitura. É papel da escola facilitar o encontro dos jovens com a leitura, contribuindo assim para a construção do leitor.

Rocco (1992) nos lembra que a literatura, hoje, não é a maneira mais difundida para explicar o mundo e para transmitir valores. Cabe ao professor/escola a tarefa de conduzir o ensino, as aulas de leitura de tal forma que os alunos sejam levados a ler, a escolher a leitura como atividade e a partir daí chegarmos à aprendizagem. É importante incentivar os alunos a lerem, mas também ir além da leitura, experimentar a escrita, a elaboração de seus próprios textos. A escolha de estratégias adequadas conduz a um trabalho acertado, capaz de explorar a criatividade, gerir a escrita.

Segundo Yunes (1995), a leitura pressupõe fruição; ler é um ato que permanece vivo mesmo após o final da leitura, ficando internalizado no interior de quem lê. Mesmo após o término, a leitura continua transmitindo sensações ao leitor.

A respeito da leitura, Leite (2001) diz:

A leitura, na verdade, é uma arte em processo. Como Goethe, poderíamos todos reaprender a ler a cada novo texto que percorremos. Mas há sobretudo muito a aprender quando percebemos que ler não é apenas decifrar o impresso, não é um mero “savoir-faire”, a que nos treinaram na escola, mas ler é questionar e buscar respostas na página impressa para os nossos questionamentos, buscar a satisfação à nossa curiosidade (p. 91).

Cabe à literatura emocionar, divertir, estimular a imaginação. No entanto, a “crise de leitura” e o desinteresse dos alunos pelo ato de ler têm levado muitos professores a não oferecerem atividades que despertem a criatividade, o senso crítico, ficando no âmbito da aula expositiva, roteiros maçantes de leitura.

O prazer que deveria despertar a leitura encontra-se perdido em meio às dificuldades enfrentadas pela escola. Para reverter essa situação, faz-se necessário buscar estratégias motivadoras que atraiam os alunos.

Chiaretto explica a importância da literatura

O ato de ler obras literárias leva a pessoa ao exercício do comando de sua vida em vista da vida de seus pares, pois valores éticos e políticos são

realçados, afirmados, negados e rediscutidos, em um movimento que pretende provocar desestabilizações.

[...] Descobrimo e explorando seu mundo interior, o leitor literário logra um contato mais promissor, mais crítico e sensível com seu semelhante, o que fortalece os laços comunitários, dá vazão às afinidades e estabelece um ambiente propício para compreensão das diferenças (CHIARETTO, 2013, s.p.).

O texto literário conduz à reflexão e incorporação de novas experiências, pois seu consumo induz a práticas socializantes que se mostram democráticas. O trabalho com a literatura conduzirá ao aperfeiçoamento e fluidez da leitura e da escrita, ao desenvolvimento vocabular, ao desenvolvimento da sensibilidade, do senso crítico. A linguagem é instrumento fundamental para as relações humanas e a produção de cultura. É na linguagem, e por meio dela, que o homem lê o mundo e a própria história. Ao abrir espaço para o trabalho com o texto literário, alcançar-se-á a possibilidade de o aluno tornar-se um cidadão consciente.

A literatura é um encontro marcado entre autor e interlocutor, resultando em uma troca de experiências. O texto literário abre nossos olhos para o mundo e nos permite reflexão sobre o homem e seu papel na sociedade. Quando falamos de literatura, falamos de linguagem, pois é ela que dá concretude à literatura. Barthes (*apud* BORDINI; AGUIAR, 1993) deixa clara a importância da linguagem na vida do homem, ou seja, ela permite a única via para conferir sentido ao mundo e aos objetos. Para Barthes,

Parece cada vez mais difícil conceber um sistema de imagens ou objetos cujos significados possam existir fora da linguagem e perceber o que significa a substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: o sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem (*apud* BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 9).

É fato que a compreensão da importância da literatura será apresentada ao aluno pelo professor que busca despertá-lo para essa questão. E o sucesso das práticas de leitura escolar exige um professor comprometido, que considere as experiências de leitura que os alunos trazem consigo. É nessa interlocução professor/aluno que se constroem os leitores.

O professor precisa primeiro compreender o que é leitura e como fazê-la.

Ao falar de leitura, no entanto, nem sempre estamos falando da mesma coisa. A palavra pode ter várias acepções. Quando se trata do professor como leitor, a palavra leitura não quer dizer capacidade de decifrar sinais gráficos, mas, sim, de doar sentido ao que se lê, de ser capaz de viver, numa leitura literária, uma experiência iniciática. (...). Nessa acepção, leitura é algo capaz de provocar mudanças, para lá do mero entretenimento que,

no entanto, é fundamental para atrair e animar o contato primeiro de iniciantes, como a criança com o livro (CADEMARTORI, 2009, p. 24).

A leitura é uma habilidade essencial a ser desenvolvida pelos alunos e por meio dela podemos conhecer o mundo. Ao buscar desenvolver as habilidades de leitura e de formação de leitores, a escola encontra no texto literário um recurso indispensável, pois ele ajudará na construção desse indivíduo. O texto literário dá ao educando a oportunidade de refletir e posicionar-se diante de diversas situações da vida e ainda auxilia no desenvolvimento da competência discursiva.

A capacidade de ler literariamente é uma competência que está em permanente construção. Held informa que

a literatura tem sido ao longo da história, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e re-criação desse conhecimento. Lidando com o imaginário, trabalhando com a emoção, a literatura satisfaz sua necessidade de ficção, de busca de prazer. Conhecimento e prazer fundem-se na literatura, e na arte em geral, impelindo o homem ao equilíbrio psicológico (*apud* VIEIRA, 1989, p. 11).

Antonio Candido (2011) argumenta da seguinte maneira a respeito da importância da literatura:

ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Nesse sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo (p. 175).

A escola possibilita ao aluno o contato com diferentes gêneros, não apenas o literário, permitindo a construção das competências comunicativas necessárias para que ele possa interagir com o mundo. E o tratamento do texto literário oral ou escrito, por sua vez, envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem.

2.2 O conto enquanto gênero

O vocábulo conto vem do termo *computus*, do latim, que significa cômputo, conta, e assume também o sentido de ordenar narrativas. O conto caracteriza-se por ser uma narrativa curta que apresenta narrador, personagens, enredo. Mais curto

que a novela ou o romance, esse gênero se encontra dentro da tipologia narrativa. Geralmente, os contos eram relatados à noite e somente para adultos. Por esse motivo, em sua origem, possuía como características o tom de suspense e o caráter fantástico. Aos poucos, novas modalidades de contos foram surgindo, diferenciando os contos infantis dos contos populares, regidos por uma nova maneira de narrar de acordo com a época. Surgiram então os contos de humor, os fantásticos, os de mistério e terror, os realistas, os cômicos, os religiosos.

Narrativas que envolvem mistério e criaturas assustadoras que provoquem medo costumam garantir um público leitor fiel. Em vista de tais narrativas, Heloísa Prieto nos diz que, costurando ações, personagens e ambientes, os autores transportam o leitor para o que pode ser chamado de transgressão:

Por meio de recursos linguísticos, como a construção detalhada das descrições espaciais, os textos deixam o leitor o mais a par possível da história para, logo em seguida, estabelecer um momento de ruptura, no qual nada mais é conhecido e eventos novos ocorrem sem que o leitor possa prever (PRIETO, 2001, p. 22).

Quando as primeiras páginas anunciam “Uma noite de tempestade...”, “Já era meia-noite...”, “Um beco escuro...”, o leitor pode se sentir provocado a continuar a leitura e mergulhar em um mundo secreto e misterioso. O interesse por narrativas que provocam hesitação, medo, calafrios vem de muito tempo. “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e forte de todos os medos é o medo do desconhecido”, escreveu o escritor norte-americano H. P. Lovecraft (1890-1937) no livro *O horror sobrenatural na literatura*. Histórias de terror e acontecimentos sobrenaturais sempre estiveram presentes nas diferentes culturas humanas e parecem ter sempre fascinado o ser humano. Verdade ou mentira, real ou irreal não se sabe ao certo, o fato é que tais narrativas nos prendem: o mistério, a incerteza, a hesitação e o espetacular nos fascinam.

De acordo com Freud (2010), o estranho causa em nós, leitores, o sentimento de que há algo de suspeito, fora do lugar. Sendo o conto de mistério uma narrativa que nos leva ao desconhecido, existe então a possibilidade de serem trabalhados temas considerados tabus pela sociedade, tais como: traumas, abusos, morte e ocorrência radical de violência.

Segundo Freud (2010, p. 62), o estranho conduz à dimensão do assustador, que, de modo inadvertido e paradoxal, remete a algo que pode ser familiar e já experimentado. Segundo o autor, toda ansiedade que sentimos é derivada de um

sentimento reprimido que em algum momento foi acolhido como normal e desejável. Sob tal prisma, os contos de mistério podem cumprir um dos papéis primordiais da literatura ao permitir a vazão dos sentimentos, proporcionando ao leitor, neste caso, a experiência de sensações impactantes, temidas e repulsivas, todavia significantes e necessárias para a compreensão da singularidade do ser humano em vista de seus traumas emocionais, tabus particulares e concepções. Pode-se inferir, desse modo, que os contos de mistério são educativos por permitir ao leitor a perspectiva de se defrontar com seus traumas e experimentá-los ficcionalmente por meio de uma experiência de linguagem. Tal perspectiva, na realidade, é muito interessante e conveniente ao público adolescente.

Os alunos, por sua vez, gostam de assistir a filmes de suspense que estimulam sensações de insegurança, surpresa, estranhamento, dúvida, incômodo, angústia ou aversão. Eles se sentem atraídos pelo suspense, pelo terror, e podem sentir essas sensações percorrer-lhes o corpo tendo a certeza de que depois tudo voltará ao normal e estarão novamente em segurança. De acordo com Bazzoni (2008), não existe uma idade específica para trabalhar com esses temas. Porém, a partir do 5º ano os alunos têm maturidade e repertório suficientes para adentrar nesse universo com mais profundidade.

Prieto acredita que os alunos, a partir do 5º ano, começam a perceber a sociedade e seus aspectos mais sombrios, sendo conquistados por narrativas que trazem à tona seus temores. Segundo ela:

A leitura de narrativas de mistério fortalece nossas emoções. Quem lê obras assim convive bem com o medo e aprende a controlá-lo melhor. Nos livros, temos a consciência da vulnerabilidade da vida, dos perigos à espreita. Isso pode ajudar a encarar as diversas facetas da vida. Não há idade considerada adequada para iniciar a leitura desse assunto, desse gênero. Afinal, temas recorrentes desse universo, como a morte, a dor e a perda, devem estar presentes no processo de formação dos jovens (PRIETO, 2001, p. 44).

O conto é um gênero de difícil definição. De origem remota, acredita-se que tenha surgido no Egito antigo. De acordo com Propp (1978), o gênero surge como relato do sagrado. Os contos são “estórias” que, narradas inicialmente de forma oral, foram transmitidas até chegarem a nós. Essa criação literária não se refere só ao acontecido. Ela não tem compromisso com o evento real. Nela, realidade e ficção não têm limites precisos.

Nádia Battella Gotlib (1985) esclarece que graças à expansão da imprensa, o conto evolui e, registrado por escrito, passa a ser publicado em jornais e revistas. O gênero vai se consolidando e ganhando espaço ao longo do tempo. Surgem então diversos questionamentos, tais como: o conto teria características específicas de gênero, assim como o romance, o teatro e a novela? Quais os limites do conto enquanto um tipo determinado de narrativa? O que faz os contos serem contos, apesar das mudanças que foram experimentando no curso da história?

Gotlib, em seu livro *A teoria do conto* (1985), mostra que muitos autores se pronunciaram a respeito da definição de conto. Assim, selecionamos o que esses escritores propuseram a partir do que Nádia Gotlib expõe em seu livro.

Para Wells, o conto é qualquer peça de ficção passível de ser lida em meia hora.

Alceu Amoroso Lima diz que o conto é uma obra de ficção curta em prosa. Ele afirma: “O tamanho, portanto, representa um dos sinais característicos de sua diferenciação. Podemos mesmo dizer que o elemento quantitativo é o mais objetivo dos seus caracteres. O romance é uma narrativa média. O conto é uma narrativa curta.”

Poe explica que o conto se diferencia do romance no que diz respeito à leitura: “no conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora de leitura atenta, a alma do leitor está sob controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção.”

Mário de Andrade disse: “É um gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade... e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhes dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.” O escritor ainda afirmou: “conto é tudo aquilo que o autor quiser chamar de conto.” Difícil concordarmos com Mário de Andrade quando tantos elementos devem ser observados e analisados.

Já o argentino Júlio Cortázar, “mestre na arte do conto”, é mais cauteloso quando se trata de definir um texto como sendo ou não um conto; ele postula alguns princípios fundamentais para a definição.

Foi Cortázar que buscou discernir um conto: O que é um conto? Que elementos linguísticos, estéticos estão presentes no conto? O próprio autor nos diz:

É preciso chegarmos a ter uma ideia viva do que é o conto, e isso é sempre difícil na medida em que as ideias tendem para o abstrato, para a revitalização de seu conteúdo, enquanto que, por sua vez, a vida rejeita esse laço que a conceitualização lhe quer atirar para fixá-la e encerrá-la numa categoria. Mas se não tivermos a ideia viva do que é um conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (CORTÁZAR, 1993, p. 15).

Hoje é difícil uma classificação do conto, pois esse gênero se manifesta das mais diversas maneiras devido, justamente, a essa liberdade que os autores têm de imprimir novas características a cada conto que produzem. Além disso, não existem, mesmo dentro de qualquer classificação, contos puros. Todo o conto apresenta múltiplas características, porém com predominância de uma que lhe dá sua localização em determinada categoria.

Cortázar (1993), para nos levar ao entendimento do conto, estabeleceu uma analogia com a fotografia. O conto aproxima-se da fotografia, que pressupõe uma limitação prévia devido ao espaço reduzido que a câmera pode abranger e pelo modo como o fotógrafo usa essa limitação. Essa restrição de espaço não pode ser compreendida como uma redução de complexidade de apresentação do fato.

A analogia proposta por Cortázar (1993) mostra que tanto a fotografia quanto o conto fazem um recorte da realidade. De acordo com o autor, esse recorte mostra um aproveitamento da imagem para construir um efeito de sentido:

Numa fotografia ou num conto de grande qualidade [...] o fotógrafo ou contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 1993, p. 151-152).

O que foi dito é interessante no sentido de que ao analisarmos o gênero conto, acabamos concordando quando se fala do “recorte da realidade”. O conto retrata a realidade de forma concisa, o tempo e o espaço são por isso mesmo condensados. Outra característica importante do conto é a sedução do leitor. O leitor, no conto, precisa estar motivado para a leitura, pois é ele que completa a significação. O sucesso ou fracasso do texto depende da completa interação entre autor, obra e leitor. Seduzir o leitor num curto espaço de tempo não é tarefa fácil!

Com o passar do tempo, os contos passaram a ser classificados em “fantástico” ou “maravilhoso”. O termo “fantástico”, no século XIX, era associado às histórias de fantasmas e seres sobrenaturais. Percebe-se, no entanto, que muitos escritores colocavam as “histórias de fantasmas”, “as narrativas maravilhosas”, “as narrativas misteriosas”, “as narrativas sobrenaturais” sob uma mesma denominação.

Vários autores buscaram definir a literatura fantástica: H. P. Lovecraft, Jean-Paul Sartre, Peter Penzoldt, Tzvetan Todorov. Lovecraft (1973) definiu a literatura fantástica como sendo aquela capaz de suscitar o medo, o medo do desconhecido no leitor. O medo e o sonho seriam os aliados do sonho na criação de um mundo não real ou espiritual. O medo seria condição para que o fantástico fosse criado, para que a emoção atingisse o leitor.

Segundo Lovecraft,

A verdadeira estória sobrenatural possui algo mais que um assassinato secreto, ossos sangrando ou formas em lençóis balançando correntes conforme as regras. Uma certa atmosfera de terror sufocante e inexplicável composta por forças exteriores e não conhecidas deve estar presente, e deve ser sugerida, expressa com seriedade e força tornando-se assunto da mais terrível concepção do cérebro humano – a suspensão maligna e particular ou a derrota das leis fixadas pela natureza na qual reside nossa única salvação contra os assaltos do caos e dos demônios do espaço desestabilizado (LOVECRAFT, 1973, p. 15).

Cabe ao autor criar uma atmosfera para que o medo se instaure. Essa ambientação conduzirá o leitor a um mundo natural e organizado que, pouco a pouco, será tomado pelo medo e se aproximará do caos. O mundo real continuará existindo com sua lógica, mas parte de suas determinações será contrariada. A separação entre mundo real e fantástico é uma linha tênue, como se o fantástico desconstruísse o mundo real, deixando-o em suspensão através da narrativa.

É Todorov quem diz que a efemeridade do fantástico se deve ao fato de o ser humano conseguir abandonar a realidade por pouco tempo. Em 1970 ele definiu o fantástico como gênero vizinho de outros dois: o estranho e o maravilhoso: o primeiro se aproximando mais da realidade através dos parâmetros naturais e científicos; o segundo estaria no imaginário, impossível para a realidade humana.

O gênero fantástico foi definido por Lovecraft (1973, p. 16) através do sentimento produzido no leitor: “O teste básico do verdadeiro sobrenatural é simplesmente este – se é ou não suscitada no leitor uma profunda sensação de medo e de contato com esferas e poderes desconhecidos.”

Por algum tempo não se soube ao certo distinguir o conto de fadas das narrativas que subvertiam o real. Freud disse:

O mundo dos contos de fadas, por exemplo, abandonou desde o início o terreno da realidade e aderiu abertamente às convenções animistas. Realização de desejos, forças ocultas, onipotência dos pensamentos, animação do inanimado, são outros tantos efeitos usuais nos contos que impedem estes de dar a impressão da estranheza inquietante. Com efeito, para que este sentimento aflore é necessário que haja debate, a fim de decidir se o “incrível”, que foi superado, não poderia, apesar de tudo, ser real (FREUD, 1936, p. 206).

Peter Penzoldt (1952) disse que, com exceção dos contos de fadas, as outras narrativas sobrenaturais trazem consigo o medo e tiram partido de nossa dúvida: não sabemos ao certo o que é imaginação e o que não é.

Todorov (1981) nos lembra da efemeridade do fantástico, que apresenta um tempo breve, instável. Para esse autor, o discurso figurado é um dos traços desse gênero. O emprego de hipérboles ajudaria o leitor a se transportar para um ambiente de regras naturais deturpadas. O uso de comparações e expressões idiomáticas remeteria ao acontecimento sobrenatural. O pretérito imperfeito garantiria a imprecisão quanto ao fato narrado. A narração em primeira pessoa permitiria o estabelecimento da dúvida e criaria um vínculo entre o narrador-personagem e o leitor implícito.

A hesitação depende de como o fato narrado será interpretado como verdadeiro e do vínculo entre leitor implícito e narrador. Quanto mais autoridade possuir o narrador sobre a ação narrada, maiores as chances de captura e convencimento do leitor. Dessa forma, atos narrados, ambientação espacial e atmosfera criada são elementos essenciais nessa narrativa.

No fantástico, há a presença do estranho. De acordo com Freud (2010), “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” O medo, o assustador aparece no momento em que algo familiar, conhecido pelo indivíduo, começa a ganhar contornos de desconhecido.

Pensando no texto literário, no conto, o estranhamento se refere a acontecimentos que “raramente” se realizariam, gerando uma espécie de ilusão no leitor, algo que transcende a realidade. O narrador é o responsável por provocar a dúvida no leitor. É a relação entre narrador e leitor que concretiza esse sentimento de dúvida e estranheza.

O contista sabe que não tem o tempo como aliado. O tempo e o espaço devem estar condensados. Um bom conto precisa de tensão, de um tema que atraia o leitor como um ímã – novamente o leitor, peça fundamental para o sucesso do texto. Cada conto é um conto: um modo de contar, de forma breve, uma história, economizando meios narrativos, condensando tempo e espaço, trazendo para o texto tensão.

Narrar e viver estão intimamente ligados. O conto é uma narrativa que precisa sequestrar o leitor, orquestrando para isso elementos como: narrador, tempo, espaço, tensão, linguagem, hesitação... Existem muitas opiniões acerca do que é o conto. Não existe a pretensão de encontrar uma definição para esse gênero tão antigo e tão envolvente. O que temos então são diferentes olhares que convergem todos para uma certeza: o conto trabalha tendo o tempo contra si, faz um recorte da realidade e por meio do desconhecido, se bem construído, acaba sequestrando o leitor que, por instantes – instantes da leitura –, se perde em meio à dúvida do que é sonho e o que é realidade.

2.3 Por que a tipologia narrativa e por que a temática de mistério?

No caso específico deste projeto, a intenção é trabalhar com o gênero conto de mistério/suspense, muito apreciado pelos adolescentes. Este é um tipo de narrativa que seduz pelo desconhecido, surpreende e fascina o leitor. De acordo com Antunes (2009, p. 201), “o gosto pela leitura de textos da esfera literária é adquirido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercitado e vivido”.

Pais, tios, avós sempre se questionam por que uma criança ou um jovem gosta tanto de livros com histórias de terror, de mistério, de suspense, que envolvem monstros, seres mitológicos, assassinos, detetives, policiais ou heróis do dia a dia. Pairam dúvidas como: “Mas não é perigoso esse tipo de leitura? As crianças e os jovens não terão pesadelos à noite?”.

Quando uma criança lê uma narrativa com cena de mistério um pouco mais forte, podendo até conter um pouco de violência, e depois tem um pesadelo, não é necessariamente ruim. Muito provavelmente ela estará elaborando questões psicológicas que para ela são importantes.

Mas o que encontramos nesse tipo de narrativa que faz crianças e jovens agarrarem um livro e só o soltarem quando chegam ao final?

Como diria o detetive mais famoso do mundo, Sherlock Holmes, “É elementar, meu caro Watson”. Esse tipo de história é construída para manter a adrenalina do leitor sempre em alta. Um dos fatores mais significativos na criação de suspense é a sua fragmentação. Pensemos o seguinte: na leitura de textos que abordam essa temática, o leitor vai ficando fascinado com o mistério, o suspense criado pela forma de narrar, tudo vai acontecendo aos poucos e vai crescendo, ficando o leitor angustiado, desejando chegar ao final para saber o que aconteceu. O leitor busca a lógica dos acontecimentos. O raciocínio do leitor não se satisfaz com meios-fatos, meias-verdades, imagens incompletas. A ânsia de conhecer o todo gera uma inquietação, mescla de curiosidade, insatisfação e medo. Só conseguimos fechar o livro depois que tudo é desvendado.

Ao propor essas leituras, não estamos contribuindo para que crianças e jovens sejam agressivos?

Estaríamos contribuindo para que crianças e jovens tenham a possibilidade de vivenciar, por meio das histórias de suspense e mistério, seus próprios medos. Esse tipo de história, além de exercitar o raciocínio, que tenta encontrar uma lógica para cada nova pista, também possibilita que a atmosfera criada pelo escritor apresente não só os medos dos personagens, mas também os medos do leitor. Quando lemos sobre ventos de tempestades, uivos de lobos, pios de corujas, rangidos de portas, entre tantos outros artifícios usados pelo escritor para criar o ambiente propício, estamos trazendo à tona nossos medos. Revisitar os nossos medos ajuda-nos a sair mais fortalecidos e preparados para enfrentá-los.

Há séculos as narrativas de mistério e suspense fascinam leitores de todas as idades. Os elementos do mistério e do suspense podem estar presentes em todos os gêneros literários, mas é nos contos de terror, suspense/mistério que eles ganham o espaço total, ocupando da primeira à última linha.

A opção pelo texto narrativo leva em consideração os interesses dos alunos de 11 e 12 anos que estão deixando a infância, mas que, no que diz respeito ao gosto textual, ainda preferem narrativas, se divertem ao lê-las e têm maior segurança ao escrever sobre elas. As sequências do tipo narrativo talvez sejam as mais lidas pelos alunos. Na verdade, ouvimos e produzimos em nossa vida, a todo o

momento, uma história ou contamos a alguém uma história. Essa familiaridade faz com que o trabalho de leitura e produção textual seja mais fácil e mais próximo do aluno. O gênero discursivo conto é uma opção levando em conta os alunos e seus interesses, pois seu estudo proporciona reflexões, lembranças, fantasias e prazeres aos leitores e ouvintes. Além disso, pelo fato de o conto ser considerado uma narrativa compacta, sua leitura em sala de aula é, na maioria das vezes, breve, o que mantém os alunos mais concentrados.

Outro benefício trazido pelo trabalho com o conto é poder dar ao aluno outra visão de mundo, uma vez que apresenta enredos que envolvem personagens de diferentes vozes sociais. Segundo Gomes e Mello (2009), esse gênero é caracterizado por ser uma narrativa concisa, possuir poucas personagens, centrar-se num único conflito, ter uma linguagem objetiva, privilegiar o diálogo e ocorrer em um curto período.

Cortázar (*apud* Gotlib, 1998) nos informa o seguinte:

O segredo do conto é promover o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados tendo em vista a construção deste efeito. Neste sequestro temporário existe uma força de tensão num sistema de relações entre elementos do conto, em que cada detalhe é significativo. O conto centra-se num conflito dramático em que cada gesto, cada olhar é até mesmo teatralmente utilizado pelo narrador. Não lhe falta a construção simétrica de um episódio, num espaço determinado. Trata-se de um acidente de vida, cercado de um ligeiro antes e depois, de tal forma que esta ação parece ter sido mesmo criada para um conto, adaptando-se a este gênero e não a outro, por seu caráter de contração. Este é um lado da questão teórica referente às características específicas do gênero conto.

2.4 Projeto de letramento

No Brasil, durante décadas, a aprendizagem da leitura e da escrita era vista como o mero reconhecimento das palavras. A aprendizagem da língua estava pautada na natureza cumulativa, na cópia e no reforço. Desconsiderava-se, ou melhor, desconhecia-se a importância da compreensão do funcionamento da língua e mais, a importância de saber usá-la em situações reais de comunicação.

Hoje se sabe da importância do letramento. De posse desse conhecimento, o professor entenderá o seu papel nas aulas de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, poderá ajudar os alunos na tarefa da leitura e produção escrita. A ideia de que o sujeito aprende “graças ao professor” desfaz-se, pois está claro que a aprendizagem se dá por meio da relação interativa entre o sujeito e a sociedade

em que vive. O aprendiz fornece pistas do seu saber e do que aprender, cabendo ao professor um papel de coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem.

O processo de letramento acompanha o aluno ao longo de sua formação. De acordo com Kleiman (2007):

Acredito que é na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas e, portanto, acredito também na pertinência de assumir o letramento, ou melhor, os múltiplos letramentos da vida social, como o objetivo estruturante do trabalho escolar em todos os ciclos (p. 4).

Os projetos de letramento destacam a importância da leitura e da escrita trabalhadas como ferramentas para que o sujeito alcance a autonomia e a emancipação, indispensáveis para o exercício da cidadania. Eles funcionam como ótima oportunidade para mostrar aos alunos a força da escrita como instrumento de ação cidadã.

O letramento, concepção social da escrita, parte da concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. Para Kleiman (2007),

Na perspectiva social da escrita que vimos discutindo, uma situação comunicativa que envolve atividades que usam ou pressupõem o uso da língua escrita – um evento de letramento – não se diferencia de outras situações da vida social: envolve uma atividade coletiva, com vários participantes que têm diferentes saberes e os mobilizam (em geral cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. Contrasta essa concepção com a que subjaz às práticas de uso da escrita dentro da escola... (p. 5).

Quando o conteúdo não constitui elemento estruturante do currículo, a pergunta que orienta o planejamento das atividades didáticas é: quais os textos mais significativos para o aluno e sua comunidade?

Assim, o professor que adotar a prática social como princípio organizador do ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são essas práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para a comunidade. A atividade é complexa porque ela envolve parte da bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (mais autônomo, diversificado, prestigiado ou não), já pertencem a uma sociedade tecnologicizada e letrada (KLEIMAN, 2007, p. 9).

Torna-se necessário pensar em nossas estratégias de ensino-aprendizagem, estratégias que contemplem a nova realidade vivida por nossos alunos. A aprendizagem é interativa, o ritmo é ditado por aquele que aprende, de acordo com

suas reais necessidades. É papel da escola formar um usuário com competência técnica, capaz de criar significações.

Dois aspectos são importantes para se fazer a seleção dos gêneros: função do texto na vida social do aluno e impacto na escrita decorrentes das novas tecnologias. O aluno deveria se deparar na escola com textos que circulam na vida social.

Os textos contemporâneos são multimodais, exigem multiletramentos, ou seja, são textos que carregam muitas linguagens (semioses) que exigem novas práticas de compreensão e produção (multiletramentos) para se fazer significar.

A concepção da escrita nos estudos do letramento leva em consideração que as pessoas são diferentes e as atividades entre as pessoas são diferentes, portanto, não combina com a aula tradicional na qual o professor é falante privilegiado e segue um currículo definido. Kleiman (2007) esclarece que

...alguns eventos de letramento voltados para a resolução de alguma meta da vida social criarão, sem dúvida inúmeras oportunidades de aprendizagem para os participantes, todas elas diferentes entre si, segundo as diferenças existentes entre os indivíduos participantes (p. 15).

Ler e escrever são ações que se dão em resposta a textos lidos, ouvidos, imaginados e vividos. Por isso, ir além dos muros da escola é uma estratégia importante.

Convivemos em nossas salas de aula com uma multiplicidade de cores, raças, etnias, gostos, comportamentos. Não há como fechar os olhos, negar essa existência. García-Canclini (2008, p. 308) diz: “essa apropriação múltipla de patrimônios culturais abre possibilidades originais de experimentação e de comunicação, com usos democratizadores.”

Segundo Lemke (2010),

[...] agora, a aprendizagem muda. Ao invés de sermos prisioneiros de autores de livros texto e de suas prioridades, escopos e sequência, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre um assunto que os autores sintetizaram, ou encontrar interpretações alternativas que eles não mencionaram (ou com a qual concordaram). Podemos mudar o assunto para adequá-lo ao nosso juízo de relevância para nossos próprios interesses e planos e podemos retornar mais tarde (...) Temos agora que aprender a realizar formas mais complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso (s/p).

A realidade que se apresenta nos trouxe o papel de agentes e não de meros espectadores. Diante disso, fica claro que os alunos precisam de muito mais do que

lhes oferecemos hoje. O desafio que se coloca é que a escola apresente práticas de leitura e escrita que deem conta dessa nova ordem.

O desafio é grande e exige uma mudança de postura que parte primeiro da aceitação dessa nova ordem por parte de professores e alunos.

2.5 Correção das produções

O texto é o objeto de ensino da língua. No entanto, estudos sobre letramento nos mostram que as práticas letradas de muitas comunidades (experiências dos alunos) são muitas vezes distantes do enfoque escolar. Essa distância pressupõe percorrer um longo caminho que talvez não seja previsto na programação curricular. Na dificuldade de lidar com a lógica do “aprenda primeiro para depois ver para que serve”, muitos alunos parecem pouco convencidos a mobilizar seus esforços cognitivos em benefício do aprender a ler e escrever (CARRAHER; CARRAHER; SCHILEIMAN, 1989; COLELLO, 2003; SILVA; COLLELO, 2003).

A distância que se estabelece entre o texto e seu interlocutor muitas vezes é fruto do processo de produção textual desenvolvida na escola: o texto é produzido pelo aluno para um único leitor, o professor, que, geralmente, lê o texto do aluno em busca de erros gramaticais, uma verdadeira “caça às bruxas”.

Vários fatores podem nortear a correção da produção textual: o gênero produzido, o objetivo do texto produzido, os erros apresentados, a interação que se pretende estabelecer. Serafini (1997, p. 107) define correção de texto como um “conjunto de intervenções que o professor faz para apontar defeitos e erros”. Nesse sentido, a autora pretende promover a reflexão nos alunos por intermédio das correções e criar um ambiente de interação.

O professor precisa aceitar o texto do aluno. Isso não quer dizer tornar-se indiferente às dificuldades que o aluno apresentou durante a escrita, mas é necessário saber que apenas marcar os erros gramaticais não é o suficiente. Sabemos que há professores que corrigem os defeitos e os erros, não propondo nada no texto lido que mereça ser comentado. Será que não há nada de bom ou não há nada que possa ser melhorado?

O mais importante é compreender o desenvolvimento do processo de produção textual escrita, no caso, dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. O

que pretendemos é o desenvolvimento das habilidades de escrita e a capacidade linguístico-discursiva dos estudantes, procurando demonstrar como é possível trabalhar as etapas de revisão e reescrita de textos que irão contribuir decisivamente na produção final dos alunos, apontando também para possibilidades de novas práticas do professor de Língua Portuguesa.

Foi somente a partir da década de 80 que ocorreu uma mudança mais radical com a inclusão das novas tendências linguísticas, em que a linguagem passa a ser vista como social, dialógica e interacional. Portanto, concebemos a linguagem como um elemento social, de cunho subjetivo, construído interativamente.

Nessa vertente, a escrita é um processo contínuo de ensino e aprendizagem a partir de situações reais de produção textual. Trata-se de “um trabalho consciente, deliberado, planejado e repensado” (MENEGASSI, 2010, p. 78). A partir dessa concepção dialógica, o processo de escrita é subdividido nas etapas de **planejamento, execução, revisão e reescrita**.

Dessa forma, ao escrever, o autor poderá posicionar-se diante do mundo e realizar várias ações por meio da escrita (pedir, ordenar, negar, assustar, convencer etc.). O professor faz o papel de mediador da escrita. Esse trabalho é feito a partir da diversidade de gêneros discursivos, uma vez que a escrita também pressupõe a prática da leitura para o estabelecimento do tema, bem como a compreensão do produtor sobre as diferentes finalidades, funções, estruturas de textos, estilos, usos da língua frente ao seu objetivo com a linguagem diante do outro.

Geraldi (*apud* PARANÁ, 2008, p. 124) afirma que é preciso que os produtores de textos assumam-se enquanto locutores e, assim, tenham o que dizer, razão para dizer, como dizer e interlocutores para quem dizer. A escrita é um ato de enunciação que se desenvolve num processo dialógico no qual leitor e interlocutor relacionam-se para levar o texto adiante.

Nesse ponto, retomamos Fiad e Mayrink-Sabinson (1991) e Menegassi (2010), quando argumentam que o processo da escrita, conforme a concepção de escrita como trabalho, envolve etapas definidas para a produção textual. Portanto, a escrita é considerada um trabalho, uma produção que se concretiza na interação. Menegassi (2010) trata sobre as quatro principais etapas do processo de escrita mencionadas acima. Na etapa de planejamento, são dadas ao aluno condições para sua produção, por exemplo, com textos de apoio para que o aluno escolha as

informações relevantes. Outra forma de planejamento é fazer o levantamento de informações de que o produtor dispõe para iniciar o seu trabalho. Na segunda etapa, a execução, a partir do que foi levantado anteriormente, o produtor materializa, ou seja, “põe a mão na massa”, começa a sua produção. Quanto à terceira etapa, a revisão, na escola essa função de revisor poderá ser feita pelo próprio produtor, pelos pares e pelo professor. É essa etapa que poderá levar à reescrita do texto, a fim de deixá-lo adequado à situação de enunciação (MENEGASSI, 2010). Já a quarta etapa, a reescrita, ocorre após as intervenções e poderá levar o aluno a interferir no texto com acréscimos, substituições de termos, supressão de unidades, deslocamento de trechos etc. (MENEGASSI, 2010).

Consideramos então a perspectiva de Menegassi (2010) quando defende que a produção de textos envolve também condições para sua produção, como, por exemplo, a presença de alguns elementos: uma finalidade para o texto, um interlocutor para o qual o texto se dirige, sendo real, virtual e superior; a definição de um gênero discursivo que será produzido, conforme suas funções e características; suporte material e circulação do texto, uma vez que ele circula em determinado espaço; posição do autor.

Muito importantes também são as contribuições de Ruiz (2010) ao tratar do processo de correção pelo professor. A autora propõe quatro formas de correção que o professor poderá assumir, sendo a última a mais adequada: a correção indicativa, a resolutive, a classificatória e a textual-interativa.

Tomaremos como referência a correção textual-interativa, em que o professor estabelece uma relação dialógica com o produtor do texto, por meio de comentários mais longos, em um espaço específico, apontando não só em que o texto precisa ser modificado, mas também ressaltando seus pontos exitosos.

Segundo Ruiz (2010), esses comentários, chamados de “bilhetes”, apresentam duas funções principais: “Falar acerca da tarefa de revisão pelo aluno ou falar, metadiscursivamente, acerca da própria tarefa de correção do professor” (RUIZ, 2010, p. 47). Essa estratégia de correção não só favorece o diálogo entre produtor e interlocutor, como também conduz ao processo da reescrita do texto.

Portanto, pensar no processo de produção textual, tendo como uma de duas fases a “reescrita”, envolve o estabelecimento de novas estratégias de produção do texto, mostra que a escrita é um processo que se constrói a partir do fazer e refazer

para que seja possível atingir os objetivos propostos e se estabeleça a tão importante “relação dialógica” da linguagem.

2.6 A importância da reescrita

A atividade desenvolvida propôs que os alunos escrevessem contos de mistério/suspense a fim de integrar a mostra de trabalhos apresentados pela turma na semana literária, realizada anualmente na escola. Como a turma estudava o gênero conto e demonstrava grande interesse pela temática mistério/suspense, a ideia foi acolhida com entusiasmo. Os contos produzidos por eles seriam lidos pelos autores em um momento da mostra dos trabalhos: o sarau.

O trabalho mostrou que o processo de reescrita, tão importante no processo de produção de texto, pode ser realizado, com sucesso, quando o aluno consegue ver nessa tarefa um sentido. As reescritas realizadas mostraram o quanto os textos podem ser melhorados. Uma primeira versão é muito pouco diante do que a reescrita pode acrescentar.

As produções dos alunos mostraram o que já sabíamos, todos precisamos escrever e reescrever para chegarmos ao texto “ideal”, à versão final. Inicialmente, os alunos disseram estar inseguros quanto ao que haviam escrito, que não sabiam o que escrever mais, que não tinham ideias. Uma primeira leitura, uma primeira correção e a possibilidade de mexer novamente no texto foram importantes: acréscimos, cortes, deslocamentos de palavras, alteração da pontuação, inserção de informações/ideias novas. Os textos reescritos ganharam formas melhores. Os alunos sentiram-se mais seguros, sentiram-se “escritores”, entenderam que a produção de um texto não é tarefa fácil, leva tempo, mas que com persistência e boa vontade pode se tornar uma atividade prazerosa, rica e cheia de sentido.

De acordo com Costa Val e outros (2009), ao orientar o aluno sobre o aprimoramento de seu texto, estamos colaborando para a reflexão sobre a escrita, ajudando-o a pensar e justificar determinadas preferências como mais ou menos adequadas. Esse olhar sobre o texto contribuirá para que o aluno tenha domínio da escrita em suas diversas formas e funções.

O professor precisa ter clareza da sua tarefa nas aulas de produção de textos para não ter dificuldade de conduzir o aluno pelas etapas que precisa percorrer para alcançar o produto desejado.

Ressignificar o ensino da escrita é condição fundamental para que as aulas de produção de texto passem a conquistar o respeito dos alunos e possam ganhar sua adesão. É por meio da intervenção mediadora do professor que teremos um sujeito-autor de textos.

Se trabalhamos nas aulas de produção de textos com a escrita dos alunos, antes de qualquer coisa, precisamos pensar o conceito que temos de texto. Costa Val (2006, p. 3) leva em conta a ideia de textualidade. Para ela, texto é uma ocorrência linguística “dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. O texto é produzido para comunicar algo; nesse sentido, precisa ser um todo significativo. Aspectos como continuidade, progressão, não-contradição, coesão, coerência, intencionalidade e aceitabilidade precisam estar relacionados no texto.

Geraldi (2012) esclarece:

Para mantermos uma coerência entre uma concepção de linguagem como interação e uma concepção de educação, esta nos conduz a uma mudança de atitude – enquanto professores – ante o aluno. Dele precisamos nos tornar interlocutores para, respeitando-lhe a palavra, agir como reais parceiros: concordando, discordando, acrescentando, questionando, perguntando, etc. Note-se que, agora, a avaliação está se aproximando de outro sentido: aquele que apontamos em relação ao uso que efetivamente, fora da escola, se faz da modalidade escrita (p. 128).

As aulas de produção de texto precisam contar com o interesse dos participantes. Caso contrário, dificilmente eles se expressarão e ousarão experimentar produzir textos. Para que isso de fato aconteça, os alunos precisam se enxergar no papel de autores. Costa Val e outros (2009) entende que

Quem escreve leva em conta para quem, para quê, onde e quando está escrevendo e também em que situação seu texto será lido. É particularmente importante, para o autor de um texto escrito, prever quem será o seu leitor – o que ele sabe e o que deixa de saber, o que espera encontrar naquele texto, com que disposição entra nesse jogo comunicativo. Em função das respostas que imagina para essas questões, é que o autor decide (e geral, não conscientemente) sobre o que e como vai escrever, selecionando suas opções no intuito de melhor concretizar seus objetivos e produzir no leitor os efeitos desejados (p. 94).

De acordo com Suassuna (1995, p. 45), “A anulação do que há de dialógico e interacional na linguagem acaba por distorcer, inclusive, a própria finalidade da escrita como um ato de interlocução”.

Ruiz (2012) esclarece que

É bastante diferente a situação de um aluno que escreve, na escola, para atender à solicitação do professor, da situação vivida pelo aluno que escreve para um leitor que não tem, por princípio, uma aferição. É evidente a postura com que este realiza as tarefas de escrita e reescrita noutro contexto (p. 17).

O aluno precisa entender as aulas de produção de texto, encontrar sentido para o que escreve, o que produz: este é o primeiro passo. Assim, as aulas fazem sentido, o que é proposto faz sentido, o aluno vê relação entre o que escreve dentro e fora da escola.

Soares (2004) diz:

Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código (p. 16).

Ao trabalhar com atividades de reescrita de texto, enquanto professores, precisamos saber que essa atividade não pode ser confundida com a ação de somente passar o texto a limpo. Menegolo e Menegolo (2005) explicam:

Ensinar a revisar é completamente diferente de ensinar a passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário (em função do que se pretende) e o possível (em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento) (p. 74).

O trabalho da reescrita, quando realizado conjuntamente entre professor e aluno, permite outra visão do texto. O aluno é levado à reflexão acerca do uso da língua e tem a possibilidade de compreender que o texto não é um produto acabado. Menegolo e Menegolo (2005) ainda esclarecem a importância de todo esse processo. Segundo eles, a reescrita

provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto criado, possibilitando um relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e exclusão de enunciados). O aluno sai, ao reescrever, do estágio emocional (inspirativo), que gera a primeira escrita, e passa ao estágio de maior racionalização sobre o que foi materializado (MENEGOLO e MENEGOLO, 2005, p. 74).

A reescrita é um processo de produção de texto cujo objetivo maior é o “melhoramento” do texto original, mantendo-se sua estrutura básica, buscando adequá-lo aos objetivos propostos e assim cumprir o papel que cabe ao texto: comunicar, chegar ao seu interlocutor e fazer sentido para ele.

2.7 Motivação

Ler e escrever não significa apenas o conhecimento das letras e de como usá-las, mas a possibilidade de que esse conhecimento seja usado na expressão da comunicação em diferentes contextos. A atualidade nos apresenta um novo sujeito (aluno) que, por viver na era dos multiletramentos, exige um professor diferente daquele que antes se apresentava como detentor do saber. A aprendizagem é uma relação colaborativa, que se constrói na relação entre os sujeitos professor/aluno, ambos agentes nesse processo. A escola e os professores de língua portuguesa têm obrigação de garantir ao aluno a construção de competências que o tornem capaz de agir, de atuar na sociedade onde vive e de produzir textos que circulem no seu meio, textos preparados para cumprir o objetivo comunicativo proposto.

A “crise” de leitura que hoje vivemos nos impõe a nós, professores, a busca de estratégias para que alunos pratiquem as competências necessárias para o ato de ler e escrever. Pensando assim, sabe-se que é necessário que o aluno seja/esteja motivado para as atividades que serão propostas, principalmente quando essas atividades dizem respeito à leitura de texto literário.

O objetivo das atividades propostas é ler e escrever, é gostar de pôr em prática as habilidades. Isso significa, em primeiro lugar, ler para poder se guiar num mundo em que há tanta informação, que às vezes não sabemos nem por onde começar. Em segundo lugar, significa não ficar apenas no que dizem os textos, mas incorporar o que eles trazem para transformar nosso próprio conhecimento. “A leitura não é só um meio de adquirir informação: ela também nos torna mais críticos e capazes de considerar diferentes perspectivas” (SOLÉ, 2008). É preciso planejar estratégias específicas para ensinar os alunos a lidar com as tarefas de leitura. O fundamental é que os alunos compreendam que, se estão envolvidos em um projeto de construção de conhecimento ou de busca e elaboração de informações, é para cobrir uma necessidade de saber. Quando os objetivos de leitura são claros, é mais fácil estar disposto a ler e produzir a partir das leituras feitas.

O principal objetivo das oficinas propostas é formar alunos competentes na escrita e na leitura, fazendo com que ele possa utilizar linguagens diversas para a sua expressão e comunicação no meio social.

Mas a realidade é bem diferente. Os alunos do Ensino Fundamental estão saindo da escola com sérias dificuldades para interpretar textos simples e para escrever textos do seu cotidiano. Nas salas de aula, durante a execução de práticas de leitura e escrita, muitos alunos se negam a realizar as atividades ou as realizam apenas por obrigação, como requisito avaliativo. Esses momentos, que deveriam ser produtivos e prazerosos, são vistos pelo educando como algo chato, difícil e desinteressante, desencadeando no aluno sentimentos de raiva, medo ou ojeriza, dificultando a aquisição do conhecimento e sua inserção social na cultura letrada.

Para o sucesso das aulas de Português e adesão às atividades propostas, pensou-se em aulas dinâmicas, significativas e proveitosas para os alunos. Ensinar o aluno a gostar de ler é uma tarefa complexa, mas é uma das principais contribuições que um professor pode dar para levar seu aluno à participação efetiva nas aulas. A estimulação da leitura em sala de aula deve ser uma prática constante; se bem conduzida, ela pode estabelecer diálogos críticos, emotivos e de sentido com o leitor. Entre os benefícios da leitura estão: aquisição cultural, ampliação do léxico e do conhecimento de mundo, aprimoramento do gosto estético, estimulação do pensamento e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e competências.

O desafio foi lançado. Por isso, foi preciso buscar subsídios para que as aulas se tornassem atraentes aos olhos dos alunos. Sabemos que, hoje em dia, os alunos vivem em um mundo repleto de tecnologias que encantam e fascinam. A escola, no entanto, muitas vezes não oferece os mesmos atrativos, ou atrativos que despertem a vontade do aluno de aprender ou frequentar o ambiente escolar, o que na maioria dos casos gera certos desinteresses e falta de motivação pelos estudos, pois, para o aluno, estar conectado é muito mais interessante do que estudar.

Por que, então, não unir o útil ao agradável? Foram pensadas oficinas de leitura e escrita para dar ao aluno a chance, a independência de trabalhar a leitura a partir de atividades em que usa a tecnologia, cria a partir das ferramentas que estão disponíveis no dia a dia e com as quais estão familiarizados. A intenção foi fazer com que o estudante estivesse engajado e apaixonado por aquilo que está aprendendo, que vivesse a experiência de ser o “maestro” de sua aprendizagem.

3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste projeto de pesquisa é propor a aplicação de atividades que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita dos alunos do 7º ano através da leitura e produção de textos narrativos de mistério.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, destacamos:

- Buscar contribuir para o ensino da Língua Portuguesa a partir da leitura e produção textual de narrativas de mistério;
- Estabelecer uma interlocução com o aluno por meio da avaliação interativa de suas produções a partir das leituras feitas;
- Possibilitar a produção consciente de textos (narrativas de mistério);
- Estimular a leitura (aproveitando os efeitos característicos que esse gênero produz em quem lê);
- Levar o aluno à valorização da leitura como condição importante no processo de escrita;
- Levar o aluno ao interesse pela leitura e escrita, como instrumento de interação.

5 JUSTIFICATIVA

A realidade que se coloca à nossa frente e a sociedade em que vivemos exigem cada vez mais um cidadão que saiba lidar com os textos que o cercam, lendo, escrevendo, concentrando-se nesses textos com suas habilidades de leitura e escrita para atuar devidamente no meio onde vive. Em contrapartida, essa mesma sociedade exige que nós, professores, instrumentalizemos o aluno e o preparemos para agir de acordo com a realidade de sua comunidade. À luz desse quadro, eis o que diz o Conteúdo Básico Comum (CBC, 2010): “o ensino de Língua Portuguesa deve preparar o aluno para a vida, qualificando-o para o aprendizado permanente e para o exercício da cidadania” (p. 13).

O domínio da língua, oral ou escrita, pode garantir a participação social do cidadão, pois é empregando a língua que ele se expressa, se comunica, questiona, emociona, defende pontos de vista, constrói e partilha visões de mundo. É o domínio das habilidades de leitura e escrita que garante ao indivíduo uma adequada convivência em sociedade, sobretudo na contemporaneidade. Sem essas habilidades consolidadas, tal convivência torna-se comprometida ou prejudicada.

Nós, professores, muitas vezes sentimo-nos frustrados com o baixo rendimento escolar dos alunos e somos levados a questionamentos tais como: “o que significa ensinar a ler e escrever”? Afinal, como diz Leal (2009, p. 53), “enquanto professores, estamos constantemente nos cobrando a responsabilidade por formar produtores de textos competentes, capazes de interagir pela leitura e pela escrita”. Foi essa demanda social por interlocutores e escritores competentes e a dificuldade dos alunos em ler e produzir textos, e posteriormente adequá-los aos objetivos pretendidos por meio da reescrita, que estimularam a elaboração deste projeto. Vale ressaltar ainda que a dificuldade do professor de se fazer leitor dos textos de seus alunos, apresentando-lhes uma resposta que possa efetivamente dizer o que eles precisam e querem ouvir, uma resposta que possa ajudá-los no processo de construção do texto, também justifica a elaboração deste projeto de ensino voltado para alunos do 7º ano. Nesse sentido, busca-se também mostrar que é possível às aulas de Língua Portuguesa um caminho diferente, uma via em que professor e aluno possam caminhar lado a lado, como parceiros na construção do conhecimento.

Uma das grandes preocupações do professor de Língua Portuguesa é o ensino da produção de textos com a premissa de fazer o aluno enxergar o texto como produto de um sujeito que busca estabelecer relação com seu interlocutor. É hora de responder à seguinte pergunta que nos ronda: para que se escreve? Bakhtin (2011, p. 294) responde: “o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão ativa do outro”.

Este trabalho apresenta um projeto de ensino cuja pretensão é oferecer tanto a alunos quanto a professores a oportunidade de desenvolver a leitura e a escrita por meio de oficinas que apresentam atividades variadas. A intenção é apontar a possibilidade de atividades e aulas mais interessantes que cativem os alunos, levando-os a trabalhar com a leitura e a escrita de maneira mais descontraída e

mais condizente com uma perspectiva produtiva para os envolvidos no processo de ensino.

Além disso, esta proposta busca a possibilidade de repensar o ensino de produção de textos em Língua Portuguesa a fim de enfatizar a escrita como apropriada prática social. Desse modo, este estudo irá trabalhar com atividades de leitura e de produção de textos, direcionando o ensino a uma perspectiva discursiva na produção de textos narrativos pelos alunos do 7º ano do Fundamental II.

6 METODOLOGIA

A educação no Ensino Fundamental tem importância preponderante para a vida do aluno, pois por meio dela se constrói o alicerce para o desenvolvimento da vida estudantil. Ao compreender essa importância, o professor deve desenvolver um trabalho qualificado, garantindo que o ensino não seja reduzido apenas à transmissão de conteúdos necessários para a conclusão de cada etapa, mas que se tenha um ensino orientado pela aprendizagem estabelecida. O trabalho com projetos proporciona este novo pensar e favorece uma aprendizagem mais dinâmica, significativa e global para os sujeitos participantes desse processo. Segundo Moura e Barbosa (2011, p. 17), “ao mesmo tempo em que o trabalho com projetos pode enriquecer a aprendizagem individual de cada aluno, ele favorece também o processo de ensino aprendizagem como um todo, estendendo-se a própria escola”.

O projeto que trabalha com oficinas de leitura e escrita se sustenta por uma possibilidade metodológica capaz de melhorar o processo de ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, em especial da leitura e da escrita, pois não se pode mais conceber um processo fragmentado e descontextualizado, o qual se materializa no ensino de palavras e frases isoladas sem nenhuma ligação com sua situação real de uso.

O projeto foi pensado para alunos do 7º ano da Escola Estadual Joviano de Aguiar, em Gouveia. A cidade fica no interior de Minas Gerais e possui apenas escolas estaduais que buscam oferecer aos alunos um ensino de qualidade. Existe uma preocupação com a educação ofertada aos alunos, uma vez que, morando no interior, eles não têm acesso a muitas oportunidades que fazem a diferença na vida dos alunos de tal faixa etária. A cidade não oferece cinemas, livrarias, teatros,

parques ou eventos musicais e culturais aos quais os moradores dos grandes centros têm acesso.

A escola possui boa infraestrutura: computadores, internet, lousa digital, *datashow*, impressoras, copadoras, biblioteca ampla com uma variedade de livros bem significativa. Atualmente, a escola atende cerca de 126 alunos no Ensino Fundamental (7º ao 9º ano), sendo uma turma para cada um desses anos de ensino, mesmo que o espaço físico possa receber mais turmas. A maioria dos alunos possui ótimas ideias para produzir narrativas, assim como tem boa vontade e interesse. Este projeto, então, busca levá-los ao desenvolvimento das habilidades necessárias para a construção da escrita a partir do estudo de contos de mistério. Queremos, com isso, mostrar que é possível chegar a resultados eficientes no aprendizado, oferecendo textos de estudo reconhecidamente agradáveis aos discentes.

Para que todas essas circunstâncias fossem cumpridas de acordo com o regime legal brasileiro, consultamos os CBC de Minas Gerais e a Resolução SEE n. 2.197, de 26 de outubro de 2012 (que conferem à escola e ao professor a responsabilidade de estruturar o seu planejamento de ensino com dinamismo, livre dos padrões pré-estabelecidos ou de aderir rigidamente ao livro didático), bem como os parâmetros estabelecidos pelo Ministério da Educação. Ao considerarmos a Matriz referência de habilidades dos Parâmetros Nacionais Curriculares, observamos que trabalhar com o gênero conto envolve várias habilidades. Desse modo, pretendemos com este projeto enfatizar o desenvolvimento das seguintes habilidades:

7º ano do Ensino Fundamental

I- PROCEDIMENTOS DE LEITURA	
D1	Localizar informações explícitas em textos verbais.
D2	Inferir sentido de palavras e ou expressões.
D3	Inferir uma informação implícita em textos verbais.
D4	Inferir tema ou assunto de um texto.
D5	Distinguir fato ou opinião relativa a esse fato.

II- IMPLICAÇÕES DO SUPORTE, DO GÊNERO E/OU DO ENUNCIADOR NA COMPREENSÃO DE UM TEXTO	
D6	Interpretar textos com auxílio de recurso gráfico diverso.
D9	Identificar os elementos da narrativa.
III- RELAÇÃO ENTRE TEXTOS	
D10	Comparar textos que abordam o mesmo tema em função do tratamento dado a esse tema.
IV- COESÃO E COERÊNCIA NO PROCESSAMENTO DO TEXTO	
D12	Estabelecer relações lógico-discursivas entre as partes de um texto, marcadas por advérbios, conjunções etc.
D13	Estabelecer relações de causa-consequência entre partes e elementos do texto.
V- RELAÇÕES ENTRE RECURSOS EXPRESSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO	
D15	Reconhecer efeitos de sentido decorrentes do uso de sinais de pontuação e outras notações.
D16	Reconhecer efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos ortográficos e morfossintáticos.
D17	Reconhecer efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos estilísticos.
VI- VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	
D18	Identificar marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor do texto.

Metodologia

- ✓ Sessão de cinema: animações de contos de suspense e terror;
 - *Jaulito, Arrepiante e O vodu de Sebastian* (<<https://www.youtube.com/watch?v=zstZwhjQJzQ>>);
 - *O gato preto* (<https://www.youtube.com/watch?v=po_T90CthjI>);
 - *O retrato oval* (<<https://www.youtube.com/watch?v=yj0yHn0bcII>>);
 - *O balão* (<https://www.youtube.com/watch?v=R_6hBuP5GTY>).
- ✓ Leitura de contos (suspense, mistério, terror) previamente selecionados;
 - "Missa do galo" (Machado de Assis);

- "A caolha" (Júlia Lopes de Almeida);
 - "O caso de Ruth" (Júlia Lopes de Almeida);
 - "O gato preto" (Edgar Allan Poe);
 - "O retrato oval" (Edgar Allan Poe).
- ✓ Compartilhamento da leitura realizada e análise dos contos;
 - ✓ Estudo da tipologia narrativa e do gênero conto;
 - ✓ Produção de novas versões para os contos: desenhos, animações;
 - ✓ Produção escrita de contos de suspense, mistério, terror;
 - ✓ Revisão das produções escritas;
 - ✓ Reescrita das produções;
 - ✓ Apresentação do material produzido: exposição e sarau.

Sequência de atividades:

- ✓ Apresentação da proposta de trabalho para os alunos. Para tal, preparar a sala de aula decorando-a com os temas "mistério", "terror" e "suspense". A intenção é fazer com que os alunos entrem no clima dos contos de "mistério", "terror" e "suspense" e possam se sentir mais propícios a aderir à ideia. Essa é uma estratégia motivadora.
- ✓ Sessão de cinema: apresentação de uma sequência de animações baseadas em contos de suspense e terror;
- ✓ Pré-oficina: conto "A cartomante", de Machado de Assis;
- ✓ Apresentação da seleção de contos que será trabalhada no projeto e distribuição para leitura pelos alunos;
- ✓ Leitura compartilhada: momento em que cada um apresenta aos colegas, oralmente, a leitura realizada (momento "contação" de histórias);
- ✓ Estudo da tipologia narrativa e do gênero textual conto;
- ✓ Solicitação de que os alunos apresentem em grupos a leitura do conto usando diferentes linguagens: fotos, desenhos, animação;
- ✓ Preparação para a produção escrita e individual de um conto;
- ✓ Revisão dos contos produzidos;
- ✓ Reescrita dos contos produzidos;

- ✓ Organização da apresentação dos trabalhos construídos como culminância do projeto.

6.1 Comentário sobre os contos escolhidos

6.1.1 Missa do Galo

Este é um conto narrado em primeira pessoa, no qual Nogueira recorda o seu breve encontro com Conceição, que deixou uma lembrança forte, mas também a dúvida acerca do que houve entre ambos naquela noite.

Logo na primeira frase – “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta.” –, o leitor é informado acerca da natureza misteriosa do encontro.

Vivendo segundo princípios morais conservadores, comuns na época, o casal Conceição e Meneses reproduzia comportamentos injustos e sexistas. Meneses tinha uma amante com quem se encontrava semanalmente, e a esposa tinha que se resignar e aceitar a traição calada, para não provocar escândalo.

Talvez pelo peso da data (Natal), ou por cansaço e revolta com a situação, Conceição decide se aproximar de Nogueira, embora o adultério não chegue a ser concretizado.

O conto confirma, no entanto, a frieza de seu casamento e a vontade implícita de se envolver com outro homem, que se verifica depois, quando Meneses morre de apoplexia e Conceição se casa com o seu escrevente.

6.1.2 O caso de Ruth

É a partir da confissão de abuso sexual que o enredo de Júlia Almeida vai se desenvolver. Primeiramente, vale ressaltar que o tema de “O caso de Ruth” – o abuso da mulher por uma figura patriarcal – é muito atual.

Desse modo, se a descrição inicial de Ruth acentua seu valor como boa moça e futura esposa, a protagonista torna-se equivalente a uma mulher decaída, impura, ao revelar o ultraje de que fora vítima no passado: “É uma mulher desonrada”.

No conto “O caso de Ruth”, a ameaça à virtude da mulher e a revelação dos maus tratos a ela infligidos adquirem caráter de denúncia, fazendo com que o leitor simpatize com a condição da vítima.

Na história, é o padrasto que representa o papel de transgressor: de início, o Barão é descrito como “um santo homem” (ALMEIDA, 1903, p. 12) cuja morte é sentida por toda a família. Os leitores acreditam, em um primeiro momento, que o padrasto de Ruth seja um chefe de família amável, bondoso e fiel, conforme a descrição feita pela Baronesa Montenegro. Ninguém além do próprio Barão e sua infeliz vítima sabem do estupro por ele cometido, e é somente quando Ruth conta este terrível segredo que o aspecto vilanesco do personagem é revelado a Eduardo Jordão e, conseqüentemente, aos leitores. Ruth deixa evidente que, longe de resumir-se a uma solução segura, o casamento seria para ela uma instituição onde predominariam o poder e a vontade masculina.

Júlia Lopes de Almeida escolhe dar à sua protagonista um final trágico em todos os sentidos: a morte da personagem, apesar de libertá-la do compromisso do casamento, funciona, também, como punição ao erro vinculado ao seu passado.

O suicídio da personagem representa o seu desejo de libertar-se definitivamente do domínio masculino, fato que só conseguiria através da morte.

6.1.3 A caolha

O que se sente é que “A caolha” é um conto sobre o desassossego do que é ser mãe, uma ponderação sobre os reais aspectos do desafio da maternidade. Trata-se de uma mulher que não é aceita na sociedade por um “defeito” que a torna repugnante. Essa mulher recebe ódio e ingratidão de um filho que projeta nela as frustrações causadas pela rejeição da sociedade. Ela é uma mãe que, além de ser rechaçada pelos outros, é enjeitada também pelo seu único filho.

O retrato de um ambiente familiar e social opressivo, que chega às raias do grotesco, provoca no leitor o sentido de estranhamento para com uma realidade tão desumanizada. Os incidentes do enredo decorrem dos fatos e das circunstâncias que as personagens são forçadas a viver, à revelia da sua vontade ou do seu caráter. O trágico se apresenta por meio de uma atmosfera pesada, em que as personagens são vítimas. Não se trata de serem vítimas de um destino, mas, ao contrário, são as condições materiais que determinam a desgraça, acrescidas do infeliz episódio da perda do olho da mãe provocada pelo filho infante. É, de fato, inovador que a autora tenha como protagonista uma figura fazendo referência às condições femininas no final do século XIX.

6.1.4 O retrato oval

Em “O retrato oval”, o leitor é envolvido por um ambiente misterioso assim como um cavalheiro ferido e seu criado que adentram em um castelo solitário em busca de abrigo durante a noite. Nesse lugar lúgubre, a suntuosidade de quadros primorosamente pintados chama a atenção do homem, que descobre um caderno cujo conteúdo nada mais é do que as histórias relacionadas a essas obras-primas: uma jovem, muito apaixonada por seu marido, sentia-se enciumada por causa da atenção que ele dava a suas pinturas. Um dia, ela teve que aceitar a proposta que o companheiro lhe fizera e permitir que ele a pintasse. Ele era um artista obcecado, que não conseguia se desligar do seu trabalho. Durante longos dias, o pintor manteve sua esposa postada diante de si para que pudesse capturar cada detalhe necessário para tornar aquele quadro sua obra-prima. Porém, ela pouco a pouco foi enfraquecendo e definhando, tanto que quando o seu amado terminou seu trabalho, a única coisa que restava viva dela era o retrato oval.

Esse traço do enredo cativa ainda mais do que a tragédia que se abate sobre uma jovem apaixonada que deseja apenas ser amada. Isso ocorre porque a obsessão que compõe boa parte dos personagens de Edgar Allan Poe é algo que realmente soa assustador, principalmente quando consideramos que isso vem à tona em uma situação tão rotineira e comum que a princípio não levanta suspeitas nenhuma por parte do leitor. No conto, cercado de mistério, os acontecimentos funestos tornam ‘O retrato oval’ uma história catastrófica que agrada os leitores que temem ler algo realmente amedrontador.

6.1.5 O gato preto

“O gato preto” narra, em primeira pessoa, a história de um homem que confessa o assassinato de sua esposa por meio de uma provável carta. Durante a narrativa, o protagonista conta “uma série de simples acontecimentos domésticos” (POE, 2013, p. 53) até o momento final em que é descoberto culpado pela morte de sua esposa. O narrador-personagem inclui detalhes, como seu amor e o de sua mulher por animais e a transformação que seu sentimento sofreu devido ao alcoolismo, chegando à crueldade de arrancar um dos olhos de seu animal favorito, Plutão – o gato preto do título. Não satisfeito, em seguida ele o enforcou e chegou

ao maior de seus atos violentos: matar sua própria esposa. No decorrer da história, o narrador-personagem faz alusão à superstição de sua mulher a respeito da “antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas” (POE, 2013, p. 54), além de mencionar, em algumas passagens, que fora “tomado” por um estado de espírito demoníaco: “[...] não só meu caráter como meu temperamento, enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da minha intemperança, uma modificação radical para pior” (POE, 2013, p. 54); “Uma fúria demoníaca apoderou-se instantaneamente de mim” (POE, 2013, p. 55); “Tomado então de fúria demoníaca, librei o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro” (POE, 2013, p. 8).

6.2 A mulher se destacando nos contos escolhidos

Os contos escolhidos para o trabalho trazem a forte presença feminina, que merece ser destacada e analisada com os alunos.

O universo feminino em Machado de Assis teve destaque em sua obra. Uma das características do escritor era a descrição e o estudo psicológico da alma feminina. Machado era um profundo conhecedor da natureza humana e sempre foi louvado pela crítica como um grande delineador de personagens femininas.

Machado apresenta suas mulheres num contexto romântico conservador: suas descrições são poéticas e ele apresenta as personagens femininas mais sensuais sempre com um sensualismo sugestivo, nunca pesado, franco, cru. Porém, o escritor via a mulher como um elemento social que maneja e comanda, sendo astuciosa e cerebral, divergente, nesse ponto, da mulher romântica.

O conto “A missa do galo” é narrado em primeira pessoa. Conceição, a personagem feminina, cresce no decorrer da narrativa, tornando-se envolvente, sensual, iluminada. A revelação da personagem é captada através de um flagrante da vida real – um jovem à espera da missa do galo na corte. O leitor se vê envolvido em um clima hipnótico que só se desfaz nas linhas finais. O conto mostra como o desejo pode abrir brechas em situações de opressão. Nada acontece objetivamente entre os dois. O autor pode querer nos dizer que, onde nada aconteceu, tudo pode estar acontecendo subjetivamente.

Júlia Lopes de Almeida no conto “A caolha”, sem negar o papel de mãe, chama a atenção para a mulher como indivíduo, passível de momentos difíceis, para os quais, sem instrução não estará preparada. Além disso, é sob a perspectiva da mãe, tão valorizada pela sociedade burguesa do século XIX, que ela reivindica a instrução para a mulher: a mãe instruída pode melhor orientar os filhos e, portanto, melhor cumprir sua missão.

Em “O retrato oval”, deparamo-nos com uma jovem, representada como o estereótipo da submissão e da alienação, que nutre pelo artista um amor romântico.

Edgar Allan Poe, em “O gato preto”, traz a personagem como vítima da violência masculina, tão presente nos lares ainda hoje.

Por meio da linguagem, a literatura, ao retratar e recriar realidades comuns ao nosso meio, contribui para que haja certa mudança no pensamento daquele que lê. Segundo Proença Filho (1989), a língua está em constante mutação acompanhando as mudanças da sociedade, além de estar inserida em uma dimensão social e ser uma criação também social.

O autor não anula a linguagem pertencente ao meio social em que está inserido. Por intermédio da linguagem existente, ele torna a linguagem literária mais profunda e verdadeira.

A literatura é tradicionalmente uma arte verbal. É uma modalidade de linguagem que tem a língua como suporte. As palavras, numa obra literária, tornam-se multissignificativas e adquirem um valor específico no momento em que nela se integram e passam a fazer parte dos elementos que, interligados e interdependentes, constituem o todo ficcional. E o texto literário, a partir do idioma, revela uma realidade apoiada em vivências humanas (PROENÇA FILHO, 1989, p. 20).

As obras trazem como conteúdo humano problematizações que ocorriam/ocorrem no plano real, ou seja, fora dos livros, possuindo, assim, a capacidade de tocar o indivíduo leitor, visto que, além de história construída, pode também ser considerada, ainda que com barreiras fictícias, produção histórica.

7 OFICINAS A PARTIR DAS LEITURAS DOS CONTOS SUGERIDOS

Nome do projeto: *Aluno-autor*: a aprendizagem da leitura e escrita a partir de narrativas de mistério

UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

Série: 7º ano do Ensino Fundamental II

Tempo previsto: 1 bimestre

Eixo temático: Compreensão e produção de textos

Tópico e subtópico de conteúdo: Textualização do discurso narrativo

Materiais e recursos utilizados:

- ✓ Vídeos de animação;
- ✓ Contos impressos;
- ✓ *Datashow*;
- ✓ Fichas para sorteio dos contos e formação dos grupos;
- ✓ Cópias impressas das atividades que serão desenvolvidas pelos grupos;
- ✓ Aparelho celular ou câmeras fotográficas;
- ✓ Figurinos para filmagens;
- ✓ Papel, revistas;
- ✓ Lápis, tesoura, cola;
- ✓ Cartolinas, papel *colorset*, folha A3;
- ✓ *Notebook*;
- ✓ Internet;
- ✓ Caderno dos alunos;
- ✓ Material impresso sobre “gênero conto”;
- ✓ Folhas para produção textual.

Situação comunicativa

Introdução: A proposta

Nossa proposta, ao elaborar as oficinas para alunos e professores, foi

pensar em um material que contemplasse atividades para tornar possível uma relação de interação entre professor e aluno. Pensando nisso, todas as atividades foram pensadas de maneira que a produção final fosse resultado de um processo que se construiu ao longo das aulas. Nesse sentido, foram propiciadas a alunos e professores, aulas que fujam um pouco do modelo tradicional, no qual o texto é apresentado ao aluno para que depois ele responda a algumas questões relativas àquele material, “*sendo possível assim que o professor verifique a compreensão do aluno acerca do mesmo.*” Nas oficinas propostas, alunos e professores poderão vivenciar uma experiência diferente, em que a produção final não é tão somente um texto escrito a partir de um modelo pré-fixado. Os alunos poderão mostrar, através de experiências variadas, a sua “releitura” dos contos. Nas oficinas, professor e alunos irão “se aventurar” em produções com utilização de diversas TIC disponíveis no universo do aluno, buscando, assim, trabalhar a partir dos conhecimentos e vivências dos alunos.

Em síntese, procuramos:

- Mostrar que é possível trabalhar um gênero familiar, que aborde temas do interesse dos alunos de maneira diferente, fazendo com que a aprendizagem seja mais efetiva e “leve”;
- Trabalhar habilidades diferentes, visando à capacidade leitora dos alunos;
- Realizar um trabalho que articule diferentes gêneros, trazendo para a sala de aula as diferentes TIC com as quais os alunos lidam fora da escola;
- Oferecer a possibilidade para que o aluno seja coautor da proposta.

Objetivos: Este projeto tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos que estão no Ensino Fundamental II. Para atingirmos os objetivos propostos, o material a ser trabalhado foi cuidadosamente escolhido, partindo dos interesses apresentados pelos alunos. Para o desenvolvimento da proposta, é imprescindível saber que a interlocução literária requer competências específicas de leitura, como estar atento ao contexto de produção e ao pacto de leitura proposto. A leitura literária é uma forma “especial” de texto, na qual são propostos ao leitor cumplicidade e envolvimento emocional, proporcionando-lhe prazer e, às vezes, estranhamento. A melhor maneira de desenvolver as habilidades de leitura, levando o aluno ao gosto pela

atividade, é criar situações em que o discente tenha a oportunidade de interagir com o objeto que lhe está sendo ofertado: o texto.

Objetivos específicos:

- Desenvolver atitudes e disposições favoráveis à leitura;
- Ler os contos selecionados e apresentar uma releitura dos textos lidos;
- Recuperar a leitura literária no espaço escolar;
- Propiciar aos alunos a oportunidade de “dividirem” a leitura realizada com o grupo;
- Desenvolver a interação texto/leitor;
- Promover novos saberes no encontro entre o texto e o leitor.

PRÉ-OFICINA

Objetivo: Apresentar a proposta de leitura de contos para os alunos e motivá-los para o trabalho a ser desenvolvido, a fim de despertar o interesse deles, mostrar que atividades de leitura podem ser prazerosas e torná-los capazes de atuar de forma autônoma e crítica diante do texto e das atividades propostas.

Participantes: alunos do 7º ano da Escola Estadual Joviano de Aguiar (Gouveia – MG).

Material necessário:

- *Datashow*;
- Imagens relacionadas ao texto, previamente escolhidas pelo professor;
- Texto “A cartomante” dividido em partes para a leitura por meio da “pausa protocolada”;
- Cópias de desenho de mandalas;
- Lápis de cor;
- Tesoura;
- Cola;
- Fitas de cetim coloridas;

- Folhas para escrita.

Tempo estimado: 3 aulas de 50 minutos.

Metodologia:

1. Apresentação do conto e do autor;
2. Abordagem do gênero conto, enfatizando o conto “fantástico”;
3. Levantamento de hipóteses sugeridas pela apresentação de imagens;
4. Leitura realizada pela professora, utilizando a “pausa protocolada”;
5. Comentário do texto com o grupo;
6. Atividades artísticas/manuais (criação de mandalas);
7. Trabalho em grupos (produção de textos);
8. Apresentação dos textos para a turma.



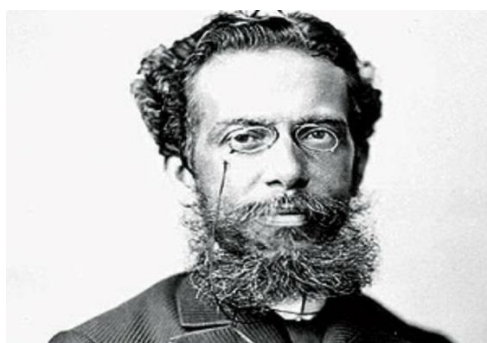
- O que você vê na imagem?
- O que ela sugere?



- O que fazem as cartomantes?
- As previsões delas se confirmam?
- O que leva uma pessoa a procurar uma cartomante?
- Você conhece alguma cartomante?



- Veja o título do conto que iremos ler. O que você imagina que será narrado?
- Que pistas da imagem o levaram a levantar essa hipótese?



- Este é Machado de Assis, autor do conto que iremos ler. Você já ouviu falar dele? Em caso afirmativo, o que sabe sobre ele?

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado o maior nome da Literatura Brasileira. Ele foi um escritor completo: escreveu vários romances, além de contos, peças teatrais, poemas e mais de seiscentas crônicas.

Algumas das principais características de Machado de Assis:

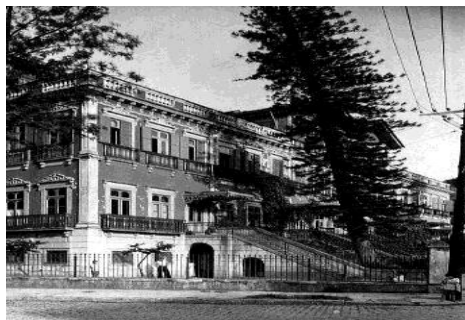
1 – Personagens: São geralmente burgueses – classe dominante; procura desmascarar o “jogo” das relações sociais; enfatiza o contraste entre aparência x essência; mostra-os de maneira impiedosa e enfatiza a vaidade, a futilidade, a hipocrisia, a inveja, o prazer carnal.

2 – Processo narrativo: Há pouca ação e poucos fatos a serem apresentados. Os personagens envolvidos na trama apresentam complexidade psicológica e o narrador dialoga com o leitor, permitindo-lhe fazer reflexões sobre a obra.

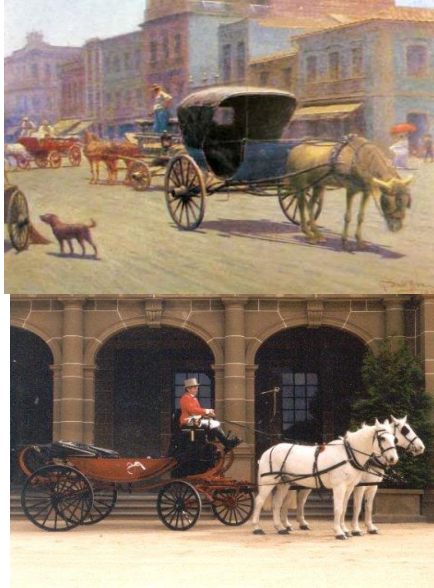
3 – Perfil feminino: As personagens femininas são, geralmente, representadas como fortes, dominadoras, sensuais, “dissimuladas”, ambíguas, astuciosas e, principalmente, adúlteras, o que comprova a vulnerabilidade do amor. Uma observação pertinente sobre o perfil feminino: a questão sobre mulheres “dissimuladas” e “adúlteras” não deve ser interpretada de forma negativa. Essas características levam a uma observação negativa, mas, de fato, exaltam a astúcia feminina. Ou seja, não há uma tentativa de manchar a imagem feminina, mas sim de qualificá-las como tão ou mais astuciosas que os homens.



- Esta imagem mostra o Rio de Janeiro no século XIX. Esse é o cenário do conto “A cartomante”.



- Casas no Rio de Janeiro do século XIX.



Veja a imagem acima. Temos um tîlbur, que significa *substantivo masculino*: carro de duas rodas e dois assentos, com capota e sem boleia, puxado por um só animal.

- Durante a leitura, você irá se deparar com essa palavra.



- Personagens do conto: Rita, Camilo e Vilela. O que você imagina a respeito dessa relação?

A cartomante

Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Que relação há entre Rita e Camilo?
- Por que Rita teria ido à cartomante?

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

- E agora, suas hipóteses se confirmaram?
- Quem será Vilela?

— Qual saber! Tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês de veras nessas coisas? Perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

- Por que Rita e Camilo precisam se esconder?
- Qual é o sentimento de Camilo em relação a Rita?

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? Exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos de veras. Depois,

Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

- Suas expectativas foram confirmadas?
- Como você imagina a relação de Rita/Camilo/Vilela?

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor *di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente,

foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

- Para você, que consequência haverá por conta do relacionamento de Rita e Camilo?
- Esse relacionamento é algo comum hoje em dia? O que você pensa sobre isso?

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

- Na sua opinião, quem escreveu a carta para Camilo?
- O que você achou da atitude dele ao afastar-se de Rita?

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude,

mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

- O que estará prestes a acontecer?

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe

explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tîlburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

- O que Vilela irá falar com Camilo?
- Ele tem razões para estar nervoso?

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tîlburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tîlburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tîlburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro

propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

- Camilo irá consultar a cartomante?
- O que a cartomante irá dizer a Camilo?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e

enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

- O que dizem as cartas?

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar

particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tîlburí esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

- Você acha que a cartomante acertou na sua previsão?
- E agora, o que irá acontecer?

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as

palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

- Será que Camilo poderia mesmo estar tranquilo? Por quê?

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

- O que irá acontecer?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

- Suas expectativas se confirmaram?
- O que achou da atitude de Vilela?
- De 1869 até os dias de hoje, a maneira de tratar o adultério mudou muito? Comente?
- Podemos dizer que, mesmo tendo sido escrito no século XIX, o texto “A cartomante” trata de um assunto ainda comum/atual em nossa sociedade?



Oficina 01

Sessão de cinema

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- *Datashow* ou televisão;
- Vídeos (animações de contos de suspense e terror).

Etapa 1 (tempo previsto: 60')

Convidar os alunos para assistirem a uma sessão de cinema (animações cujas temáticas são o mistério, o suspense e o terror).

Na sala previamente preparada, apresentar as animações aos alunos e deixar que eles se divirtam, observando suas reações.

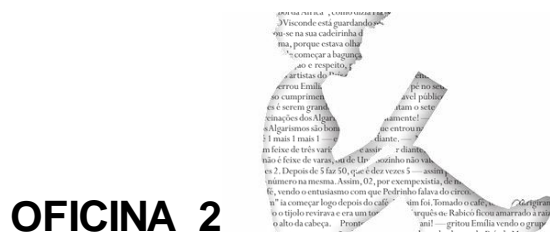
Etapa 2 (tempo previsto: 40')

Conversar com os alunos após a sessão e saber deles o que acharam, o que sentiram.

- ✓ O que mais chamou a atenção?
- ✓ Como eram os cenários das histórias apresentadas?
- ✓ A trilha sonora escolhida estava de acordo com a temática dos filmes? Por quê?
- ✓ Sentiram medo em algum momento? Quando? Por quê?
- ✓ Qual a história preferida? Por quê?
- ✓ Se o terror causa a sensação de “medo”, por que gostam de assistir a filmes desse gênero?

Ouvir com atenção as respostas dadas pelos alunos e perceber a reação deles: gostaram, se interessaram ou não? Refletir com eles sobre o fato de que, mesmo tendo medo, sentimos-nos atraídos pelos filmes de suspense, de terror porque “inconscientemente” sabemos que estamos seguros e que no final tudo ficará bem e voltaremos a nossa vida normal.

O importante, além da troca de experiências, é apresentar para os alunos a proposta do trabalho com os “Contos de terror, suspense e mistério”. Explicar aos alunos que a sessão de cinema serviu para motivá-los para o trabalho que será desenvolvido com o gênero “Conto”. A partir dessa sessão de cinema eles irão conhecer mais e novos contos, assim como por meio das leituras realizadas eles poderão mostrar suas versões (novas leituras) e também criarem seus contos.



OFICINA 2

Hora da Leitura

- ✓ Leitura de contos (suspense, mistério, terror) previamente selecionados:
- "Missa do galo" (Machado de Assis);
 - "A caolha" (Júlia Lopes de Almeida);
 - "O caso de Ruth" (Júlia Lopes de Almeida);
 - "O gato preto" (Edgar Allan Poe);
 - "O retrato oval" (Edgar Allan Poe).

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

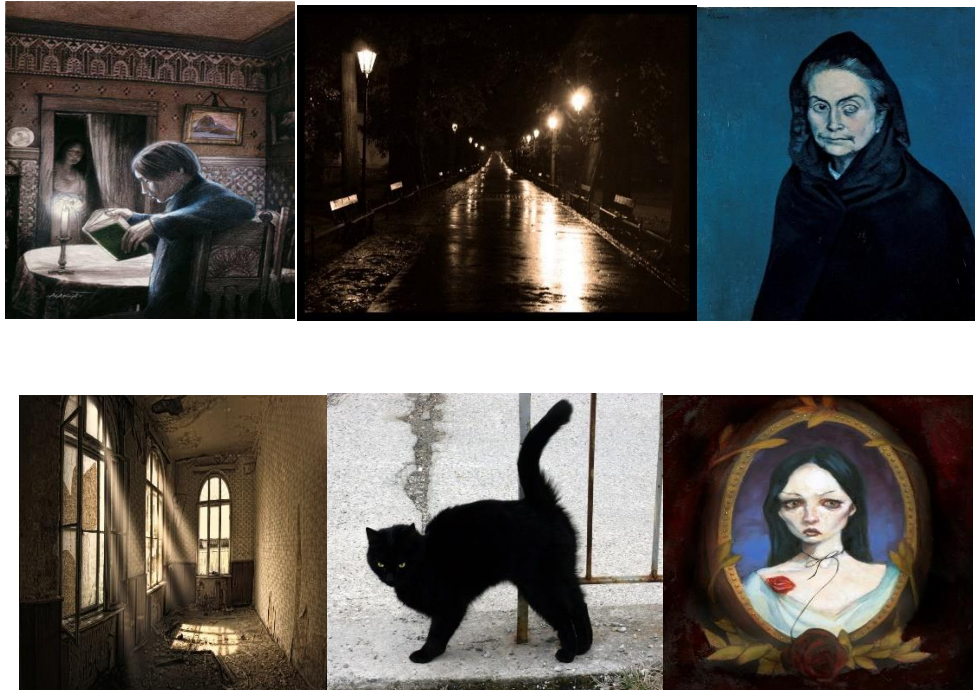
- Cópia impressa dos textos para os alunos.

Etapa 1 - (tempo previsto: 50')

Apresentação dos contos selecionados para a turma:

- "Missa do galo" (Machado de Assis);
- "A caolha" (Júlia Lopes de Almeida);
- "O caso de Ruth" (Júlia Lopes de Almeida);
- "O gato preto" (Edgar Allan Poe);
- "O retrato oval" (Edgar Allan Poe).

Dividir a turma em grupos, sendo que cada grupo irá se encarregar da leitura de um conto. Distribuição os textos para os grupos por meio de um sorteio; assim, eles não ficarão disputando o texto entre si. Preparar previamente imagens que ilustrem cada conto e distribuir para a turma. Cada imagem marcará um grupo: imagens sugestivas para o conto a ser lido.



Propor o início da leitura dos contos pelos alunos. A primeira leitura será feita individualmente. Explicar que nesse momento é importante que a leitura seja feita por cada membro do grupo isoladamente para que possam conhecer o enredo.



OFICINA 3

Compartilhando leituras

- ✓ Compartilhamento da leitura realizada e análise dos contos;
- ✓ Proposta da criação de novas versões para os contos lidos: desenhos, animações, fotos.

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- Contos lidos.
- Material explicativo do trabalho xerocado.

Pedir aos alunos para que formem os grupos distribuídos na aula anterior e compartilhem uns com os outros a leitura feita do conto.

Nesse momento, cabe ao professor a função de monitorar a conversa que está acontecendo no grupo para verificar se a leitura foi realizada, como foi recebida por cada um, quais as impressões causadas. É um momento de escuta por parte do professor, que poderá intervir caso seja solicitado.

Os alunos relatam oralmente aos demais colegas de turma sobre o conto lido. Propor aos alunos que cada grupo apresente uma “releitura” do conto lido. Seguem propostas de atividades para os grupos desenvolverem:

- 1) Foto: sair a campo, andando pela cidade, para fotografar espaços (casas, becos, ruas, praças etc.) que ilustrem o conto lido. Apresentar uma sequência de fotos feitas pela cidade, com diferentes espaços que remetam ao conto.
- 2) Teatro: apresentar o conto lido por meio de uma encenação com a participação dos membros do grupo. Tempo máximo de apresentação: 30 minutos.
- 3) Desenho, colagens: criação de ilustrações para o conto lido – desenhos,

colagens. As ilustrações devem contemplar o espaço, as personagens e o clímax da história.

- 4) Vídeo: criação de um vídeo, usando a internet, para apresentar o conto lido pelo grupo.
- 5) *Croma Key*: criação de trabalho de animação por meio da técnica do *croma key* tendo como ponto de partida o conto lido.
- 6) Montagem de trilha sonora: escolha de músicas e sons que remetam ao conto lido e sua temática. A partir dessa escolha, montar uma trilha sonora que fará parte das apresentações dos demais grupos.

Observação: A ideia do *croma key* surgiu porque o diretor da escola domina a técnica e tem muita habilidade em informática.

As propostas de trabalho devem ser sorteadas entre os grupos para não gerar disputas.



OFICINA 4

(Tempo previsto: 4 horas)

Para essa oficina o ideal é utilizar uma tarde. Programar com a direção e os demais professores da turma para que o dia seja destinado à realização da oficina na escola.

Material necessário para as atividades propostas:

- Aparelho celular ou câmeras fotográficas;
- Figurinos para o teatro;
- Papel, revistas;
- Lápis, tesoura, cola;

- Cartolinas, papel *colorset*, folha A3;
- Massinha de modelar;
- *Notebook*;
- Disponibilizar internet.

Cada grupo se reúne para realizar a atividade proposta. Para isso, o professor deverá encontrar dentro do grupo de professores, de acordo com as habilidades de cada um, parceiros (monitores) que possam ajudar os grupos na própria escola. O grupo da fotografia, por exemplo, necessitará de alguém que possa acompanhá-los pela cidade para fazer as fotos.



OFICINA 5

Hora de aprender

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- Material xerocado (texto sobre conto);
- Conto a ser trabalhado xerocado;
- Caderno do aluno;
- *Datashow*.

Conhecendo o gênero Conto

Nessa oficina os alunos serão apresentados ao gênero discursivo “conto”. É o momento de conhecerem como se organiza esse gênero. Para isso, conversar com os alunos sobre o trabalho que está sendo desenvolvido; as leituras que estão realizando; perguntar-lhes sobre o que têm observado nos textos lidos em

termos de composição: como são construídos? Que elementos têm percebido serem comuns nos textos?

A partir das respostas dadas pelos alunos, apresentar-lhes o gênero conto. Para ajudar a sensibilizá-los, usar sempre como exemplos os textos lidos, uma vez que já têm mais familiaridade com eles.

Depois, o professor poderá então sistematizar os conhecimentos dos alunos e propor-lhes atividades para verificação da aprendizagem.

O *datashow* pode ser utilizado para a reprodução de um conto para que o professor, junto com os alunos, identifique as características do gênero.

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...]

São narrativas ficcionais onde prevalece a narrativa, ou seja, o conto apresenta uma sucessão de acontecimentos envolvendo um número limitado de personagens.

Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax.

O conto e suas demarcações

O ato de narrar remonta a épocas antigas na história da humanidade. A verdade é que a maioria das pessoas, em determinado momento de sua existência, já teve a oportunidade de se entreter com as encantadoras ou mesmo horripilantes histórias contadas pelos nossos antepassados, não é mesmo?

Quando nos reportamos à referida ocorrência, sabemos que toda história se perfaz de um encadeamento de fatos. Estes, ao serem narrados, conferem sentido ao enredo e envolvem o interlocutor nos acontecimentos. Tal particularidade permite que o conto, didaticamente, pertença ao chamado gênero narrativo.

Como dito anteriormente, o conto tem origem antiga. Sua manifestação é identificada desde as narrativas orais dos antigos povos proferidas em noites de

luar, passando pelas narrativas dos bardos gregos e romanos, lendas orientais, parábolas bíblicas, novelas medievais, fábulas de Esopo e La Fontaine, até chegar aos livros, os quais, atualmente, fazem parte do nosso conhecimento.

(...)

Analisemos, pois, de modo particular, cada um dos traços demarcadores do gênero em questão:

- O enredo – Trata-se da história propriamente dita, na qual os fatos são organizados de acordo com uma sequência lógica de acontecimentos. Ao nos referirmos a essa logicidade, estamos também nos reportando à ideia de verossimilhança. Mesmo em se tratando de fatos ficcionais (inventados), o discurso requer certa coerência, com vistas a proporcionar ao leitor uma impressão de que os fatos, situados em dado contexto, realmente são passíveis de acontecer. O enredo compõe-se de determinados elementos que lhe conferem a devida credibilidade, fazendo com que se instaure um clima de envolvimento entre os interlocutores para que a finalidade discursiva seja realmente concretizada.
- O conflito talvez seja a parte elementar de toda essa “trama”, pois é ele que confere motivação ao leitor/ouvinte, instigando-o a se envolver cada vez mais com a história. Para que haja essa interação, os fatos se devem a uma estruturação do próprio enredo, assim delimitada:
 - A introdução (ou apresentação) – Geralmente, constitui o começo da história, na qual o narrador apresenta os fatos iniciais, revela os protagonistas e eventualmente demarca o tempo e/ou espaço. Trata-se de uma parte extremamente importante, haja vista que tende a atrair a atenção do leitor, situando-o diante do discurso apresentado.
 - A complicação (ou desenvolvimento) – Nessa parte do enredo é que se começa a instaurar o conflito.
 - O clímax – Trata-se do momento culminante da narrativa, aquele de maior tensão, no qual o conflito atinge seu ponto máximo.
 - O desfecho – Conferida toda essa tramitação, é chegado o momento de partirmos para uma solução dos fatos

apresentados. Esse final poderá muitas vezes nos surpreender, revelando-se como trágico, cômico, triste, alegre, entre outras formas.

- O espaço – É o lugar onde se passam os fatos. Caracteriza-se como físico (geográfico), representado por ruas, praças, avenidas, cidades, dentre outros; e psicológico, referindo-se às condições socioeconômicas, morais e psicológicas condizentes às personagens. Possibilita-se, portanto, situá-las na época e no grupo social em que se passa a história.
- O tempo – Revela o momento em que tudo acontece, podendo ser classificado em cronológico ou psicológico.
 - O tempo cronológico, como bem retrata a origem da palavra, é marcado pela ordem natural dos acontecimentos, ou seja, delimitado pelos ponteiros do relógio, pelos dias, meses, anos, séculos. Tende a desencadear uma sequência linear dos fatos.
 - Já o psicológico é voltado para os elementos de ordem sentimental dos personagens, revelado pelas emoções, pela imaginação e pelas lembranças do passado. Notamos que, nessa ocorrência, a tendência dos acontecimentos é fugir da ordem natural, em que muito se aplica uma técnica denominada *flashback*, a qual consiste num fluxo de consciência em voltar ao tempo, de acordo com as experiências antes vividas.



OFICINA 6

Eu, escritor

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- Folha para produção escrita dos alunos.

CRIAÇÃO – PRODUÇÃO DE CONTOS

É nessa atividade que a turma organiza a síntese do que foi aprendido nas oficinas anteriores, o que oferece a cada aluno um avanço pessoal e particular no grau de aprendizagem realizado.

DICAS

Antes de iniciar a produção textual:

- explique aos alunos a importância da escrita do texto. Esse é o momento em que cada um tem a chance de criar seu próprio texto, de acordo com o que aprendeu, com as experiências que viveu, com os conhecimentos que traz, de acordo com sua vontade;
- recupere com eles o percurso feito para o conhecimento do gênero;
- incentive a participação da turma.

A PROPOSTA

Agora é sua vez de escrever um conto. Para chegar até aqui você percorreu um caminho e foi aos poucos entrando em contato com esse gênero: assistiu às animações, leu textos, produziu uma releitura, conheceu as características desse gênero que tanto nos chama a atenção.

Sendo assim, acredito que você já esteja pronto para ser o autor de um conto de “terror”, “suspense”, “mistério”, em que você possa tomar as “rédeas” da situação e definir os rumos da história.

Pense bastante, selecione, organize suas ideias para poder produzir seu texto.

Depois de prontos e revisados, os textos farão parte da apresentação de conclusão desse estudo sobre o gênero “conto”. Teremos um momento para contarmos aos outros as nossas criações, nossos próprios contos.

(Professor) Durante a escrita do texto:

- converse sobre o tema/assunto que será escrito;
- ouça as propostas dos alunos e ajude-os a transformar as ideias apresentadas (oralidade) em discurso escrito;
- proponha que leiam os parágrafos à medida que forem sendo construídos, releiam o anterior para ver se os parágrafos estão encadeados e façam as alterações necessárias;
- incentive-os a prosseguirem com o texto de modo que a organização da sequência de parágrafos não perca a unidade, a coesão e a coerência;
- sugira que escolham um título sugestivo para o texto;
- ao final, combine com os alunos que o texto será revisado e aprimorado posteriormente.



OFICINA 7

Hora da reescrita

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- Folha para reescrita dos alunos.

Nesta oficina, os alunos receberão do professor os textos escritos na oficina anterior. Os textos foram lidos pelo professor que sugeriu alterações caso sejam necessárias. Nesse momento, cada um irá se encarregar de revisar seu texto e reescrevê-lo, fazendo as alterações sugeridas.

Nessa etapa, levaremos em consideração o que nos disse Ruiz (2015):

Um professor que considere a redação do aluno uma interlocução verdadeira, reagirá ao texto como um leitor, mesmo sendo ele um leitor diferenciado, como já mencionei. Olhará, pois, para o texto do aluno como um todo. E, mesmo que não deixe de lado os prováveis probleminhas localizados (de concordância, de acentuação, de ortografia etc.), estará preocupado, muito mais, com o recado dado por esse aluno,

com o que ele tem a dizer, e com o que ele conseguiu veicular, as formas que utilizou; enfim, se ocupará prioritariamente da coerência global da redação, da sua macroestruturação, da sua organização como texto. Isso o fará se ocupar, por exemplo, (Koch e Travaglia, 1990:84), de fazer o aluno ver se o seu texto não tem lacunas a serem preenchidas (explicitações), se o receptor do texto terá, a partir dos elementos textuais de sua superfície, condições de fazer inferências necessárias para relacionar os elementos do texto, criando um mundo textual e estabelecendo a unidade de sentido [...] (p. 162-163).



OFICINA 8

Preparando-nos para a apresentação

- ✓ Organização da apresentação do material produzido: exposição, sarau...

(Tempo previsto: 1h40min)

Material necessário:

- Todo o material produzido pelos alunos.

Nesta etapa, o professor irá propor aos alunos, como culminância do trabalho, a apresentação de suas produções. Juntos, organizarão uma exposição do material produzido como releitura dos contos lidos e também de seus textos, num momento de “contação” de histórias.

Organizados em seus grupos, os alunos vão rever o material produzido, verificar se é necessário algum ajuste.

É também nesse momento que o professor propõe aos alunos que leiam para os colegas os textos que produziram, seus contos. Insistir com os alunos no cuidado com a linguagem oral quando essa for usada para apresentar aos demais o conto, o que deve ser levado em consideração.

Mandamentos da contação de histórias

- Escolha uma história da qual você goste muito e deseje contar.
- Leia essa história muitas vezes.

- Feche os olhos e imagine o cenário, os personagens, o tempo e outros elementos constituintes do enredo.
- Escolha a voz para o narrador e para as personagens da história.
- Exercite seu poder de concentração.
- Tenha cuidado com sua postura e os vícios de linguagem.
- Conte para alguém antes de apresentar.
- Na hora de contar, olhe para todos: olhar diz muita coisa.
- Seja natural, deixe falar seu coração e seduza o ouvinte para que ele deseje ouvir novamente.

O professor ficará responsável por marcar a data para apresentação dos trabalhos, reservar o melhor local na escola, pedir autorização ao diretor e comunicar aos demais professores.

Os grupos terão tarefas previamente definidas como:

- Elaboração e distribuição de convites e cartazes;
- Organização e decoração da sala para a apresentação;
- Preparação do material necessário, como som, *datashow*, televisão;
- Montagem da exposição;
- Teste dos equipamentos necessários.

O professor coordenará e acompanhará os grupos, ajudando no que for necessário, bem como participará do ensaio da “contação de histórias”.



OFICINA 9

Hora do show

(Tempo previsto: 1h)

Neste momento, os alunos irão apresentar para o público escolar e para os pais os resultados do trabalho desenvolvido.

7.1 Comentário sobre o trabalho desenvolvido

7.1.1 Como foi a recepção da oficina?

Os alunos se mostraram interessados em participarem da oficina, o que se deve ao fato de muito “raramente” serem ofertadas, aos alunos, aulas com uma dinâmica diferente. Houve participação da turma inteira, que se manteve atenta e interativa. Os alunos se envolveram com as oficinas e em momento algum questionaram ou reclamaram da participação em uma atividade de leitura. O ponto que merece destaque foi o fato de não terem, em momento algum, demonstrado dificuldade ou desinteresse pelo fato de ser um texto de um autor antigo, cuja narrativa e linguagem são diferentes daquelas a que estão acostumados.

7.1.2 Observações a partir das oficinas

Ao longo das atividades desenvolvidas pôde-se perceber uma mudança de postura em relação à leitura, comprovada pela ida dos alunos à biblioteca da escola e a seleção, por eles mesmos, de livros cuja temática de mistério e suspense estivessem disponíveis na escola. Houve também desenvolvimento da autonomia e da capacidade crítica; reconhecimento da importância da leitura e aumento da sua frequência, além de ser perceptível um prazer na realização da leitura e de atividades a ela relacionadas.

As atividades práticas tiveram o objetivo de descontrair o ambiente, contribuindo para uma união entre a leitura, a satisfação e a alegria que ela proporciona, assim como reconhecimento e investimento nas aptidões e competências dos alunos.

As atividades propostas foram preparadas com o intuito de contribuir para uma participação efetiva. Por isso, procurou-se trabalhar de forma dinâmica através de filmagens, fotografia, animação.

Houve uma mudança de postura quanto à importância, o prazer e a motivação para a leitura como também uma mudança de posicionamento diante dos assuntos abordados, percebido na participação, nos questionamentos e nas opiniões emitidas. Ao longo das atividades, observou-se uma alteração no ritmo das aulas, provocada pela elaboração de atividades diferentes e que fazem sentido para o aluno, o que provocou uma mudança no olhar e na atitude do aluno diante da aula.

8 MUDANÇA DE RUMO – UMA NECESSIDADE

A proposta para as aulas de produção de textos foi elaborada com o objetivo de despertar o interesse do aluno para leitura e escrita a partir do estudo de contos de mistério, suspense e terror. Foram desenvolvidas oficinas com alunos a partir da leitura de contos (suspense, mistério, terror) previamente selecionados: “Missa do galo” (Machado de Assis); “A caolha” e “O caso de Ruth” (Júlia Lopes de Almeida); “O gato preto” e “O retrato oval” (Edgar Allan Poe). Após a leitura dos textos houve o compartilhamento da leitura realizada e a análise dos contos feita entre os alunos. Para se chegar à produção escrita, foram estudados a tipologia narrativa e o gênero conto. A produção escrita de contos de suspense, mistério, terror aconteceu inicialmente com os alunos de Gouveia, responsáveis pela primeira versão do texto. Após a primeira correção feita pelos produtores dos textos, a primeira versão foi encaminhada aos alunos de Diamantina, que deram sugestões para que o texto fosse melhorado. Essas propostas tinham em vista que os colegas conseguissem atingir o objetivo proposto: produção de textos de mistério/suspense. Novamente nas mãos dos primeiros produtores, os textos passaram por uma reescrita a partir da sugestão dos colegas/leitores. O texto transitou entre as turmas para reescrita várias vezes até que se chegasse a uma versão definitiva e satisfatória de acordo com os parceiros de escrita.

Por meio do processo cooperativo entre alunos, desenvolvem-se habilidades como: expressar opiniões, argumentar, contra-argumentar, saber ouvir. A escrita é um processo dialógico, um ato de interlocução destinado a cumprir uma determinada finalidade. Passarelli (2012) esclarece que

para escrever é preciso muito empenho e reflexão, elaborando texto(s) provisório(s), revisando, revisando e revisando, trocando ideias, buscando mais informações, conversando com outras pessoas e, às vezes,

reescrevendo tudo mais uma vez, é que os escritores conseguem escrever o que pretendiam dizer.

É importante que os alunos saibam que a escrita é um processo que vai se construindo: é preciso refazer para acertar, dar chance ao texto de ser modificado para ir se adequando e se aproximando gradativamente do objetivo pretendido.

Não só os professores, mas os alunos precisam entender que a reescrita é parte do processo de escrita e amplia as possibilidades de expressão da língua. Com a reescrita pode-se perceber os equívocos do texto e então melhorá-lo.

A leitura realizada pelos colegas é uma estratégia que funciona, e bem, mas não pode e não deve substituir a leitura do professor. Cabe ao professor o olhar mais apurado, o senso crítico que norteará a reescrita do texto.

Ruiz (2012) diz:

[...] o trabalho de retextualização realizado pelo aluno que revisa em função de uma correção do professor não é um trabalho solitário, como a princípio pode parecer (muito embora a solicitude da tarefa de escrita lhe seja imanente). Esse seu trabalho é, necessariamente, e pela própria natureza, um trabalho a quatro mãos. De modo que toda e qualquer consideração que se faça a respeito do maior ou menor sucesso do aluno na tarefa de revisão (retextualização) deve inalienavelmente levar em conta a participação efetiva do mediador (o professor) no processo como um todo (p. 26).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do professor de Língua Portuguesa não é fácil, tendo em vista a tecnologia sedutora, disponível em todos os lugares e a qualquer momento, a que os alunos estão expostos. Competir com a tecnologia, propondo atividades de leitura e escrita, não é uma tarefa fácil, sabendo-se que muitos alunos não veem tais atividades como algo que lhes desperta o interesse e causa prazer.

Um trabalho diferenciado, pensado para mostrar aos alunos as possibilidades da leitura e escrita, é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia.

Vivemos numa sociedade cada vez mais globalizada, mais complexa, que exige um aprimoramento constante, criando novas necessidades. Por esse motivo, para suprir essas necessidades, as escolas devem repensar as atividades propostas. Não se trata apenas de convencer o aluno a participar das aulas, das atividades; trata-se de oferecer a ele uma educação de qualidade que o leve a sentir-se confortável durante sua permanência na escola.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ponto de partida nesse processo é utilizar a vivência que o aluno já traz quando chega à escola, ou seja, é necessário que a escola, que as aulas de Língua Portuguesa, sejam uma continuidade daquilo que ele vivencia no seu dia a dia. É preciso ler textos para ler o mundo. Conduzir o aluno a um domínio instrumental básico para seu desenvolvimento intelectual representa a possibilidade de o aluno atuar na sociedade como um cidadão ciente de seus direitos e deveres.

O processo de aprendizagem está articulado com a história de cada indivíduo. O ser humano aprende mais facilmente quando o novo pode ser relacionado com algum aspecto de sua experiência prévia, com o conhecimento anterior, com imagens, palavras e fatos que estão em sua memória, com vivências culturais. A aprendizagem não se dá no vazio; por isso mesmo, foi importante escolher textos que, mesmo tendo sido escritos há muito tempo, falassem de assuntos de conhecimento dos alunos.

Se compete à escola tornar concreto o contato do leitor com o texto, então ela assume o papel de um dos mais importantes mediadores sociais. Para desempenhar essa função, o sistema de ensino deve promover um diálogo entre texto e receptor. No entanto, o resultado dessa relação depende do modo como a escola atua para desempenhar a sua tarefa, uma vez que ela pode propiciar ao leitor a oportunidade de tornar-se um conhecedor ou um consumidor de literatura.

A leitura literária é muito importante para os alunos, pois gera comportamentos e atitudes que contribuem para a sua formação. Eles devem ter prazer em ler e não somente repetir as informações através de exercícios. Assim sendo, as oficinas de leitura e escrita contribuem bastante, pois vão ao encontro das expectativas dos alunos. A condução de atividades diferentes e lúdicas tornam mais fáceis a realização das leituras dos contos e o trabalho com essas narrativas. Os textos escolhidos mostram uma sociedade completamente diferente da vivida pelos alunos. Isso poderia gerar insatisfação com essa leitura. No entanto, o que se viu foi o contrário: alunos estabelecendo relações com a realidade. Os textos escolhidos geraram debates, instigando-os a lerem mais sobre o tema.

Atualmente, fala-se em Letramento Literário, proposto por Rildo Cosson (2009) como um processo que visa à formação de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do procedimento de leitura, ultrapassando a simples

decodificação do texto. Cosson (2009) defende a ideia de que o letramento literário é diferente da leitura por fruição, apesar desta depender daquele. Ele ressalta, ainda, que a literatura deve ser ensinada na escola:

(...) devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais cega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Ler textos literários possibilita o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho. O texto literário não pode, pois, ficar fora da escola, principalmente das aulas de Língua Portuguesa. O professor deve entender a leitura como prática intrínseca à sala de aula. Nessa perspectiva, o texto literário pode ser uma ponte para o estímulo ao prazer da leitura e, conseqüentemente, para o enriquecimento vocabular e o amadurecimento da escrita.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Notas de literatura**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A caolha. In: Conto brasileiro. Contos, crônicas e poesias de autores brasileiros. s/d. Disponível em: <contobrasileiro.com.br/tag/a-caolha-julia-lobes-de-almeida/>. Acesso em: 7 jul. 2016.

____. **O caso de Ruth**. Disponível em: <https://sobreomedo.wordpress.com/2016/01/08/o-cas--de-ruth-julia-lobes-de-almeida-2//>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ASSIS, Machado de. Missa do galo. In: _____. **Contos consagrados**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s/d. p. 1-7. (Coleção Prestígio)

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: _____. **Contos consagrados**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s/d. p. 02-07 (Coleção Prestígio)

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF, 2011.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

BONOLI, Lorenzo. Raphaël Baroni, *La tension narrative*. Suspense, curiosité, surprise, Paris, Seuil, 2007. **Cahiers de narratologie**, 2008. Disponível em: <<https://narratologie.revues.org/608>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

BAZZONI, Claudio. 17 livros picantes para adolescentes. 2008. Disponível em: <www.livrosepessoas.com/tag/bazzoni>. Acesso em: 17 set. 2016.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura**: a formação do leitor (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2016.

CADEMARTORI, L. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Conversas com o professor. v. 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARRAHER, T.; CARRAHER, D.; SCHLIEMANN, A. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1989.

CHARTIER, Anne-Marie. Que leitores queremos formar. In: PAVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005. p. 127-144.

CHIARETTO, Marcelo. Leitura literária na sala de aula contemporânea: tempo de apreciar a periferia. **Anais... IV SILID III SIMAR**. 2013.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian. Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita. 2003. Disponível em: <<http://hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em: 10 maio 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça *et al.* **Avaliação do texto escolar: professor-leitor/aluno-autor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Disponível em: <<http://grupoautentica.com.br/download/capitulo/2009702101624.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

CORTÁZAR, Julio. **Valise do cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991. p. 55-62.

FREUD, Sigmund. O 'estranho'. (1919) parte 1. Disponível em: <[https://fiorouge.wordpress.com/2013/08/.../o-estranho-1919-sigmund-freud-parte-1...>](https://fiorouge.wordpress.com/2013/08/.../o-estranho-1919-sigmund-freud-parte-1...). Acesso em: 25 out. 2016.

FREUD, Sigmund. **Essais de psychanalyse appliquée**. Paris: Gallimard, 1933.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012.

GOMES, C. A. V.; MELLO, S. A. Sobre o lugar do sujeito na atividade de leitura. **Amazônida**, UFAM, v. 1, p. 27-43, 2009.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios, 2)

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. v. 7. Trad. Carlos Rizz. São Paulo: Sumus Editorial, 1980. (Coleção Novas Buscas na Educação)

KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007. Disponível em:

<<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>>. Acesso em: 02/09/2017

KLEIMAN, A. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 72-91, ago.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19986/15597>>. Acesso em: 02/09/2017.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Brasília: MEC, 2005. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/preciso_ensinar_letramento-Kleiman.pdf>. Acesso em: 03/09/2017.

KLEIMAN, A. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevâncias das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul.-dez. 2010.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Dilemas das práticas de professores alfabetizadores: um estudo explicativo. 17º COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas. **Anais** do ... Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: UNICAMP, 2009. v. 1.

LEITE, S. A. S. (Org.). **Alfabetização e letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, Komedi/Arte Escrita, 2001.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 7 set. 2017.

LOVECRAFT, H. P. Supernatural Horror. In: **Literature**. New York: Dover Publications, 1973.

MENEGASSI, R. J. O processo de produção textual. In: SANTOS, A. R.; GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (Orgs.). **A produção textual e o ensino**. Maringá: Eduem, 2010. p. 75-102.

MENEGOLO, Elizabeth Dias Wallace; MENEGOLO, Leandro Wallace. O significado da reescrita de textos na escola: a (re)construção do sujeito-autor. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 73-79, mar. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212005000100008&script=sci_abstract>. Acesso em: 25/08/2017.

MINAS GERAIS. **Centro de Referência Virtual do Professor. Proposta curricular de Língua Portuguesa do Ensino fundamental - 6º ao 9º ano**. Elaborada por Ângela Maria da Silva Souto e Vilma de Sousa. Belo Horizonte, 2010. Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.aspx?&usr=pub&id_projeto=27&id_objeto=38875&id_pai=38679&tipo=txg&n1=&n2=Proposta%20Curricular%20-%20CBC&n3=Fundamental%20-%206%C2%BA%20ao%209%C2%BA&n4=L%C3%ADngua%20Portuguesa&b=s&ordem=campo3&cp=000099&cb=mlp>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MINAS GERAIS. Resolução n. 2.197, de 26 de outubro de 2012. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do ensino nas Escolas Estaduais de Educação Básica de Minas Gerais e dá outras providências. Disponível em: <https://www.educacao.mg.gov.br/index.php?option=com_gmg&controller=document&id=10317-resolucao-2197-2012-6709-kb-pdf0>. Acesso em: 15 jun. 2016.

MINAS GERAIS. **Proposta Curricular de Português para o Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação, 1998.

MOURA, Tácio G.; BARBOSA, Eduardo F. **Trabalhando com projetos: planejamento e gestão de projetos educacionais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação; Superintendência de Educação; Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 2012.

PENZOLDT, Peter. The Supernatural. In: **Fiction**. London: Peter Nevill, 1952.

POE, Edgar Allan. O gato preto. Disponível em: <<https://contosdocovil.wordpress.com/2008/05/12/o-gato-preto/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

POE, Edgar Allan. O retrato oval. 2001. Disponível em: <<https://contosdocovil.wordpress.com/2008/05/13/contos-de-edgar-allan-poe/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

PRIETO, Heloísa. **Literatura: Programa Livre**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/entrevista-heloisa-prieto-402394.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

PROPP, V. **Morfologia do conto**. Trad. Jaime Ferreira e Vítor Oliveira. Lisboa: Editorial Veja, 1978.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. **Literatura e ensino: uma problemática**. São Paulo: Ática, 1992.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola: uma proposta textual-interativa**. São Paulo: Contexto, 2010.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio. **Como se corrige redação na escola**. São Paulo: Contexto, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Trad. Rui Mário Gonçalves. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos, 8. ed. São Paulo: Globo, 1997.

SILVA, N.; COLELLO, S. M. G. Letramento: do processo de exclusão social aos vícios da prática pedagógica. **VIDETUR**, Porto, Mandruvá, n. 21, p. 21-34, 2003. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur21/nilce.htm>>. Acesso em: 11/09/2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 25, p. 5-17, jan.-abr. 2004.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa**: uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1995.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

VIEIRA, Alice. **O prazer do texto**: perspectivas para o ensino de literatura. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1989.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista de Letras**, Curitiba, n. 44, p. 185-196, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ANEXOS

ANEXO A - CONTOS SELECIONADOS

A.1 A cartomante, de Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras.

Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática.

Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz.

Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tîlburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tîlburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tîlburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tîlburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à

primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se....?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima,

cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... de volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

FIM

A.2 Missa do galo, de Machado de Assis

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem

acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

- Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.

- Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, *Os Três Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

- Ainda não foi? Perguntou ela.

- Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

- Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

- Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

- Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

- Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

- Quando ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.
- Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.
- Justamente: é muito bonito.
- Gosta de romances?
- Gosto.
- Já leu a *Moreninha*?
- Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.
- Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

- Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

- D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...
- Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?
- Já tenho feito isso.
- Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.
- Que velha o quê, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de

permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

- É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

- Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muito claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que, apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por quê, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

- Mais baixo! Mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

- Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

- Eu também sou assim.

- O quê? Perguntou ela inclinando o corpo, para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

- Há ocasiões em que sou como mamãe: acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.

- Foi o que lhe aconteceu hoje.

- Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

- Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

- Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

- São bonitos, disse eu.

- Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

- De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

- Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saía da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

- Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, - não posso dizer quanto, - inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! Missa do galo!"

- Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

- Já serão horas? perguntei.

- Naturalmente.

- Missa do galo! repetiram de fora, batendo.

- Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ovi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

A.3 A caolha, de Júlia Lopes de Almeida

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante.

Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrado da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda gente.

Morava numa casa pequena, paga pelo filho único, operário numa fábrica de alfaiate; ela lavava a roupa para os hospitais e dava conta de todo o serviço da casa inclusive cozinha. O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vezes até no mesmo prato; à proporção que ia crescendo, ia-se a pouco e pouco manifestando na fisionomia a repugnância por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou à mãe que, por conveniência do negócio, passava a comer fora...

Ela fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe pagasse com um beijo todas as amarguras da existência?

Um beijo dele era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antônio! Em criança ele apertava-a nos braços e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ela compreendia tudo e calava-se.

O filho não sofria menos.

Quando em criança entrou para a escola pública da freguesia, começaram logo os colegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamá-lo – o filho da caolha.

Aquilo exasperava-o; respondia sempre:

– Eu tenho nome!

Os outros riam e chacoteavam-no; ele se queixava aos mestres, os mestres ralhavam com os discípulos, chegavam mesmo a castigá-los – mas a alcunha pegou. Já não era só na escola que o chamavam assim.

Na rua, muitas vezes, ele ouvia de uma ou outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha!

Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antônio cada vez que o viam passar!

As quitandeiras, onde iam comprar as goiabas ou as bananas para o lanche, aprenderam depressa a denominá-lo como os outros, e, muitas vezes, afastando os pequenos que se aglomeravam ao redor delas, diziam, estendendo uma mão cheia de araçás, com piedade e simpatia:

– Taí, isso é para o filho da caolha!

O Antônio preferia não receber o presente a ouvi-lo acompanhar de tais palavras; tanto mais que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em coro, num estribilho já combinado:

– Filho da caolha, filho da caolha!

O Antônio pediu à mãe que não o fosse buscar à escola; e muito vermelho, contou-lhe a causa; sempre que o viam aparecer à porta do colégio os companheiros murmuravam injúrias, piscavam os olhos para o Antônio e faziam caretas de náuseas.

A caolha suspirou e nunca mais foi buscar o filho.

Aos onze anos o Antônio pediu para sair da escola: levava a brigar com os condiscípulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma oficina de marceneiro. Mas na oficina de marceneiro aprenderam depressa a chamá-lo – o filho da caolha, a humilhá-lo, como no colégio.

Além de tudo, o serviço era pesado e ele começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um lugar de caixeiro de venda: os seus colegas agruparam-se à porta, insultando-o, e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto

que a rapaziada ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos à porta nos sacos abertos! Era uma contínua saraivada de cereais sobre o pobre Antônio!

Depois disso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha medo que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! Aos dezesseis anos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe, a caolha, um lugar numa oficina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a história do filho e suplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilharem-no; que os fizesse terem caridade!

Antônio encontrou na oficina uma certa reserva e silêncio da parte dos companheiros; quando o mestre dizia: sr. Antônio, ele percebia um sorriso mal oculto nos lábios dos oficiais; mas a pouco e pouco essa suspeita, ou esse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem ali.

Decorreram alguns anos e chegou a vez de Antônio se apaixonar. Até aí, numa ou outra pretensão de namoro que ele tivera, encontrara sempre uma resistência que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes mágoas. Agora, porém, a coisa era diversa: ele amava! Amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma rapariguinha adorável, de olhos negros como veludos e boca fresca como um botão de rosa. O Antônio voltou a ser assíduo em casa e expandia-se mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caolha e beijou-a mesmo na face esquerda, num transbordamento de esquecida ternura!

Aquele beijo foi para a infeliz uma inundação de júbilo! Tornara a encontrar o seu querido filho! Pôs-se a cantar toda a tarde, e nessa noite, ao adormecer, dizia consigo:

– Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!

Entretanto, o Antônio escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor à vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias Antônio perdia-se em amarguradas conjecturas.

Ao princípio pensava: – É o pudor.

Depois começou a desconfiar de outra causa; por fim recebeu uma carta em que a bela moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se ele se separasse

completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas: lembrava a mudança de bairro; ele ali era muito conhecido por filho da caolha, e bem compreendia que ela não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de – nora da caolha, ou coisa semelhante!

O Antônio chorou! Não podia crer que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão práticos!

Depois o seu rancor se voltou para a mãe.

Ela era a causadora de toda a sua desgraça! Aquela mulher perturbara a sua infância, quebrara-lhe todas as carreiras, e agora o seu mais brilhante sonho de futuro sumia-se diante dela! Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de separar-se dela; iria considerar-se humilhado continuando sob o mesmo teto; havia de protegê-la de longe, vindo de vez em quando vê-la à noite, furtivamente...

Salvava assim a responsabilidade do protetor e, ao mesmo tempo, consagraria à sua amada a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor...

Passou um dia terrível; à noite, voltando para casa levava o seu projeto e a decisão de o expor à mãe.

A velha, agachada à porta do quintal, lavava umas panelas com um trapo engordurado. O Antônio pensou: “Ao dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal criatura?” Estas últimas palavras foram arrastadas pelo seu espírito com verdadeira dor. A caolha levantou para ele o rosto, e o Antônio, vendo-lhe o pus na face, disse:

– Limpe a cara, mãe...

Ela sumiu a cabeça no avental; ele continuou:

– Afinal, nunca me explicou bem a que é devido esse defeito!

– Foi uma doença, – respondeu sufocadamente a mãe – é melhor não lembrar isso!

– E é sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! Por quê?

– Porque não vale a pena; nada se remedeia...

– Bem! Agora escute: trago-lhe uma novidade. O patrão exige que eu vá dormir na vizinhança da loja... já aluguei um quarto; a senhora fica aqui e eu virei

todos os dias saber da sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... É por força maior; não temos remédio senão sujeitar-nos!...

Ele, magrinho, curvado pelo hábito de costurar sobre os joelhos, delgado e amarelo como todos os rapazes criados à sombra das oficinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde, tinha lançado naquelas palavras toda a sua energia, e espreitava agora a mãe com um olhar desconfiado e medroso.

A caolha se levantou e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém:

– Embusteiro! O que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato!

O rapaz saiu cabisbaixo, humilde, surpreso da atitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com medo, maquinalmente, obedecendo à ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caolha.

Ela o acompanhou, fechou com estrondo a porta, e vendo-se só, encostou-se cambaleante à parede do corredor e desabafou em soluços.

O Antônio passou uma tarde e uma noite de angústia.

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, lábios adelgaçados pelo ódio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado, murcho – murcho e sujo de pus; via a sua atitude altiva, o seu dedo ossudo, de falanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande fôlego que ela tomara para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirara no rosto; via toda a cena da véspera e não se animava a arrostar com o perigo de outra semelhante.

Providencialmente, lembrou-se da madrinha, única amiga da caolha, mas que, entretanto, raramente a procurava.

Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo o que houvera. A madrinha escutou-o comovida; depois disse:

– Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira; ela não quis, aí está!

– Que verdade, madrinha?

Encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho – queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz se arrependera das palavras que dissera e tinha

passado a noite à janela, esperando que o Antônio voltasse ou passasse apenas...
Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si! Quando a amiga e o filho entraram,
ela ficou imóvel: a surpresa e a alegria amarraram-lhe toda a ação.

A madrinha do Antônio começou logo:

– O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui
ontem e eu aproveitei a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe
dito!

– Cala-te! – murmurou com voz apagada a caolha.

– Não me calo! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha, rapaz! Quem
cegou a tua mãe foste tu!

O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu:

– Ah, não tiveste culpa! Eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço,
levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse
evitar a catástrofe, tu o enterraste pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito
de dor que ela deu!

O Antônio caiu pesadamente de bruços, com um desmaio; a mãe acercou-se
rapidamente dele, murmurando trêmula:

– Pobre filho! Vês? Era por isto que eu não queria dizer nada!

A.4 O caso de Ruth, de Júlia Lopes de Almeida

Pode abraçar sua noiva! Disse com bamboleaduras na papeira flácida a palavrosa baronesa Montenegro ao Eduardo Jordão, apontando a neta, que se destacava na penumbra da sala como um lírio alvíssimo irrompido entre os florões grosseiros da alcatifa.

Ele não se atreveu, e a moça conservou-se impassível.

— Não se admire daquela frieza. Olhe: eu sei que Ruth o ama, não porque ela o dissesse – esta menina é de um recato e de um melindre de envergonhar a própria sensitiva – mas porque toda ela se altera quando ouve o seu nome. O corpo treme-lhe, a voz muda de timbre e os olhos brilham-lhe como se tivesse fogo lá por dentro. Outro dia, porque uma prima mais velha, senhora de muito respeito, ousasse pôr em dúvida o seu bom caráter, a minha Ruth fez-se de mil cores e tais coisas lhe disse que nem sei como a outra a aturou!

Toda a gente percebe que ela o ama; mas é uma obstinada e lá guarda consigo o seu segredo... Agora, que o senhor vem pedi-la, é que eu lhe declaro que estava morta por que chegasse esse momento. Apreciei-o sempre como um coração e um espírito de bom quilate.

— Oh! Minha senhora...

— Não lhe faça favor. Além disso, Ruth está com vinte e três anos: parece-me ser já tempo de se casar. Há de ser uma excelente esposa: é bondosa, regularmente instruída, nada temos poupado com a sua educação: e se não aparece e brilha muito na sociedade é pelo seu excesso de pudor. Eu às vezes cismo que esta minha neta é pura demais para viver na terra. Todas as pessoas de casa têm medo de lhe ferir os ouvidos e escolhem as palavras quando falam com ela. Não admira: a mãe teve só esta filha e foi rigorosíssima na escolha das mestras e das amigas; o padraço tratava-a também com muita severidade, embora fosse carinhoso. Um santo homem! Desde que ele morreu que nos falta a alegria em casa... A mulher, coitada, como sabe, ficou parálitica; e esta pequena mesmo tornou-se melancólica e sombria. Às vezes penso que ela fez voto de castidade, tal é o seu recato; desengano-me lembrando-me de quanto é moderada na religião e de que o seu bom senso se revela em tudo! O que tenho a dizer-lhe, portanto, é isto: afirmo-lhe que Ruth o adora e que não há alma mais cândida, nem espírito mais

virginal que o seu. Aí a deixo por alguns minutos; se é o respeito por mim que lhe tolhe as palavras, concedo-lhe plena liberdade.

Eduardo fixou na noiva um olhar apaixonado. Na sua brancura de pétala de camélia não tocada, Ruth continuava em pé, no mesmo canto sombrio da casa. Os seus grandes olhos negros chispavam febre e ela amarrotava com as mãos, lentamente, em movimentos apertados, o laço branco do vestido.

A baronesa acrescentou ainda, carregando nas qualidades da neta e fazendo ranger a cadeira de onde se erguia:

— Ruth nunca foi de lastimeiras, e, apesar de mimosa e de aparentemente frágil, tem boa saúde. Um bom corpo ao serviço de uma excelente alma. Dirão: “Estas palavras ficam mal na boca”... Pouco importa: não são a verdade. Tenho outras netas, filhas de outras filhas: tenho criado muitas meninas, minhas e alheias, mas em nenhuma encontrei nunca tanta doçura, tanta altivez digna e tanta pudicícia. Aí lha deixo: confesse-a!

A velha saiu.

Todos os rumores da rua rolaram confusamente pela sala. A porta que se abriu e fechou, trouxe, numa raja de luz, os repiques dos sinos, o rodar dos veículos, o sussurro abominável da cidade atarefada: mas também tudo se extinguiu depressa. A porta fechou-se, as janelas voltadas para o jardim mal deixavam entrar a claridade, coada por espessas cortinas corridas, e os noivos ficaram sós, silenciosos, contemplando-se de face.

O finado barão fora um colecionador afincado de móveis e de outros objetos dos tempos coloniais. Súdito de D. João VI, de que a sua adorável memória acusava ainda todos os traços já aos noventa anos, era sempre o seu assunto predileto a narração dos sucessos históricos presenciados por ele. À proporção que se ia afastando dos seus dias de moço, mais aferrado se fazia aos gostos e às modas do seu tempo.

Só se servia em baixela assinada com os emblemas da casa bragantina e a propósito de qualquer coisa dizia, fincando o queixo agudo entre o indicador em curva e o polegar: — “Lembro-me de uma vez em que D. Carlota Joaquina”... Ou então: — “Em que D. João VI ou D. Pedro I” etc. e em seguida lá vinha uma descrição de um Te-Deum, ou de uma procissão, que a sua imaginação facultosa

emprestava as mais brilhantes pompas. A família tinha um sorriso condescendente para aquele apego, já sem curiosidade, à força de ouvir repetir os mesmos fatos. Os amigos evitavam tocar, de leve que fosse, em assuntos políticos, receosos da lonjura do capítulo que o barão a propósito lhes despejasse em cima: mas só ele, o bom, o fiel, nada percebia, e, com os olhos no passado, toca a citar ditos e atitudes dos imperadores e a curvar-se numa idolatria pelo espírito boníssimo da última imperatriz.

Alguma coisa disso se refletira em casa: tudo ali era sóbrio, monótono e saudoso.

Cadeiras pesadas, de moldes coloniais, largas de assento, pregueadas no couro lavrado de coroas e brasões fidalgos, uniam as costas às paredes, de onde um ou outro quadro sacro pendia desguarnecido e tristonho.

Assim o quisera ele, que até mesmo na hora suprema rejeitara um belo crucifixo que lhe oferecia o padre, voltando os olhos suplicemente para um outro crucifixo mais tosco, erguido sobre a cômoda, e que pertencera a D. Pedro I. Para ele, naquela cruz não estava só o Cristo: estava, de envolta com o respeito pelos monarcas extintos, as lembranças de seus folguedos de moço. Talvez mesmo, num volteio súbito da memória, se lembrasse das festas religiosas em que namorara, à sombra dos conventos, a sua primeira mulher, e beliscara com freemias amorosas os braços gordos de Janoca, a mulatinha mais faceira de então... Quem sabe? Talvez que na hora da morte não se possa só a gente lembrar das coisas sérias.

Qualquer hora vivida pode ser recordada rapidamente, sem tempo de escolha.

Como a Janoca não pertencia à história, a família ignorou-a; e pelo ar gélido daquela galeria de espectros palacianos não apareceu nem um requebro quente da mulatinha risonha, que lhes desmanchasse a compostura.

Depois de viúva, a segunda baronesa reformara algumas coisas e contundira os estilos, pondo no mesmo canto um contador Luiz XV, um móvel da Renascença e uns tapetes modernos, entre largos reposteiros de seda cor de marfim.

Aquela extravagância não conseguira quebrar a severidade do todo. Tinha uma fisionomia casta e grave aquela sala.

As virgens dos quadros, de longo pescoço arqueado e rosto pequenino, gozavam ali o doce sossego de uma meia tinta religiosa.

Mas lá dentro, os dias passavam entre o tropel da criançada, os sons do piano de Ruth e a confusão dos criados.

E era por isso que todos fugiam lá para dentro e que só Ruth, nas suas horas de inexplicável tristeza, se encerrava ali, em companhia da Madona da Caldeira e da Virgem de S. Sisto. Era nessa mesma sala que ela estava ainda, muda e pálida, em frente do seu amado.

— Ruth... balbuciou Eduardo. Mas a moça interrompeu-o com um gesto e disse-lhe logo, com voz segura e firme:

— Minha avó mentiu-lhe.

O noivo recuou, num movimento de surpresa; foi ela que aproximou-se dele, com esforço arrogante e doloroso, deslumbrando-o com o fulgor de seus olhos belíssimos, bafejando-lhe as faces com o seu hálito ardente.

— Eu não sou pura! Amo-o muito para o enganar. Eu não sou pura!

Eduardo, lívido, com latejos nas fontes e palpitações desordenadas no coração, amparou-se a uma antiga poltrona, velha relíquia de D. Pedro I, e olhou espantado para a noiva, como se olhasse para uma louca. Ela, firme na sua resolução, muito chegada a ele, e a meia voz, para que a não ouvissem lá dentro, ia dizendo tudo:

— Foi há oito anos, aqui, nesta mesma sala... Meu padrasto era um homem bonito, forte: eu uma criança inocente... Dominava-me: a sua vontade era logo a minha. Ninguém sabe! Oh! Não fale! Não fale, pelo amor de Deus! Escute, escute só; é segredo para toda a gente... No fim de quatro meses de uma vida de luxúria infernal, ele morreu, e foi ainda aqui, nesta sala, entre as duas janelas, que eu o vi morto, estendido na essa. Que libertação, que alegria que foi aquela morte para a minha alma de menina ultrajada! Ele estava no mesmo lugar em que me dera os seus primeiros beijos e os seus infames abraços; ali! ali! oh, o danado! mais do que nunca o quero mal agora! Não fale, Eduardo! Minha avó morreria, sofre do coração: e minha mãe ficou parálitica com o desgosto da viuvez... Desgosto por aquele cão! e ela ainda me manda rezar por sua alma, a mim, que a quero no inferno! Às vezes tenho ímpetos de lhe dizer: “Limpa essas lágrimas; teu marido desonrou tua filha, foi seu amante durante quatro meses...” Calo-me piedosamente; e acodem todos: que não chorei a morte daquele segundo pai e bom amigo!

— É isto a minha vida. Cedi sem amor, pela violência, mas cedi. Dou-lhe a liberdade de restituir a sua palavra à minha família.

Ruth falara baixo, precipitando as palavras, toda curvada para Eduardo, que lhe sentia o aroma dos cabelos e o calor da febre.

Em um último esforço, a moça fez-lhe sinal que saísse e ele obedeceu, curvando-se diante dela, sem lhe tocar na mão.

O outro está morto há oito anos... ninguém sabe, só ela e eu... Está morto, mas vejo-o diante de mim: sinto-o no meu peito, sobre os meus ombros, debaixo de meus pés, nele tropeço, com ele me abraço em uma luta que não venço nunca! Ninguém sabe... mas por ser ignorada será menor a culpa? Dizem todos que Ruth é puríssima! Assim o creem. Deverei contentar-me com essa credibilidade? Bastará mais tarde, para a minha ventura, saber que toda a gente me imagina feliz? O meu amigo Daniel é felicíssimo, exatamente por ignorar o que os outros sabem. Se a mulher dele tivesse tido a coragem de Ruth, amá-la-ia da mesma maneira? Se a minha noiva não tivesse me dito nada, não seria o morto quem se levantasse da sepultura e me viesse relatar barbaramente as suas horas de volúpia, que me fazem tremer de horror! E eu, ignorante, seria venturoso, amaria a minha esposa, à sombra do maior respeito e com a mais doce proteção... E assim?! Poderei sempre conter o meu ciúme e não aludir jamais ao outro?

Ele morreu há oito anos... ela só tinha quinze... ninguém sabe! Só ela e eu... e ela ama-me, ama-me, ama-me! Se não me amasse e fosse em todo caso minha dir-me-ia do mesmo modo tudo? Não... parece-me que não... não sei... se não me amasse... nada me diria! Daí, quem sabe? Amo-o muito para o enganar, parece-me que lhe ouvi isto! Se eu pudesse esquecê-la! Não devo adorá-la assim! É uma mulher desonrada. A pudica açucena de envergonhar sensitivas é uma mulher desonrada... E eu amo-a! Que hei de fazer agora? Abandoná-la... não seria digno nem generoso... Aquela confissão custou-lhe uma agonia! Se ela não fosse honesta não afrontaria assim a minha cólera, nem se confessaria àquele que amasse só para não sentir a humilhação de o enganar. E o que é por aí a vida conjugal senão a mentira, a mentira, e mais ainda, a mentira?

O outro está morto... ninguém sabe, só ela e eu! Ela e eu! O que nos importam os outros, tendo toda a mágoa em nós dois só?! Antes todos os outros

soubessem... Não! Que será preferível – ser desgraçado guardando uma aparência digna, ou...? Não! em certos casos ainda há alguma felicidade em ser desgraçado... Ela ama-me... eu amo-a... ele morreu há oito anos... já não lhe falam sequer no nome... Ninguém sabe! ninguém sabe... só ela e eu!

Eduardo Jordão passava agora os dias em uma agitação medonha. Atraía e repelia a imagem de Ruth, até que um dia, vencido, escreveu-lhe longamente, disfarçando, sob um manto estrelado de palavras de amor, a irremediável amargura da sua vida. “Que esquecesse o passado... ele amava-a... o tempo apagaria essa ideia, e eles seriam felizes, completamente felizes.”

O casamento de Ruth alvoroçava a casa. A baronesa ocupava toda a gente, sempre abundante em palavras e detalhes. Só Ruth, ainda mais arredia e séria, se encerrava no seu quarto, sem intervir em coisa alguma.

Relia devagar a carta do noivo, em que o perdão que ela não solicitara vinha envolvido em promessas de esquecimento. Esquecimento! Como se fosse coisa que se pudesse prometer!

A moça, de bruços na cama, com o queixo fincado nas mãos, os olhos parados e brilhantes, bem compreendia isso.

Entraria no lar como uma ovelha batida. O perdão que o noivo lhe mandava revoltava-a. Pedira-lhe ela que lhe narrasse a sua vida dele, as suas faltas, os seus amores extintos? Não teria ele compreendido a enormidade do seu sacrifício? Seria cego? Seria surdo?... dono de um coração impenetrável e de uma consciência muda? As suas mãos estariam só afeitas a carícias que não procurassem estrangulá-la no terrível instante em que ela lhe dissera – eu não sou pura? Ou então por que não a ouvira de joelhos, compenetrado daquele amor, tão grande que assim se desvendava tudo?! Ele prometia esquecer? Mas no futuro, quando se enlaçassem, não evocariam ambos a lembrança do outro? Talvez que, então, Eduardo a repelisse, a deixasse isolada no seu leito de núpcias, e fugindo para a noite livre fosse chorar lá tora o sonho da sua mocidade... Sim, a sua noite de núpcias seria uma noite de inferno! Se ele fosse generoso ela adivinharia através da doçura do seu beijo os ressaibos da lembrança do primeiro amante: e quanto maior fosse a paixão, maior seria a raiva e o ciúme.

Esquecimento!... Sim, talvez, lá para a velhice, quando ambos, frios e calmos, fossem apenas amigos.

Ruth pensou em matar-se. Viver na obsessão de uma ideia humilhante era demais para a sua altivez. Desejou então uma morte suave, que a levasse ao túmulo com a mesma aparência de recém-cândida, de envergonhar a própria sensitiva.

Queria um veneno que a fizesse adormecer sonhando; e quanto dera para que nesse sonho fosse um beijo de Eduardo que lhe pousasse nos lábios!

De luto a casa. Ramos e coroas virginais entravam a todo o instante. Quem saberia explicar a morte de Ruth? Foram achá-la estendida na cama, já toda fria.

Agora estava entre as duas janelas, na grande sala sombria, espalhando sobre o fumo da essa as suas rendas brancas e o seu fino véu de noiva. Parecia sonhar com o desejado esposo, que ali estava a seu lado, pálido e mudo.

Entravam já para o enterro e foi só então que uma voz disse alto, saindo da penumbra daquela sala antiga:

— Vai ficar com o padrasto, no mesmo jazigo...

Eduardo fitou a morta com doloroso espanto. Estava linda! Na pele alvíssima nem uma sombra. Os cabelos negros, mal atados na nuca, desprendiam-se em uma madeixa abundante, de largas ondas.

— Quê! Seria ainda para o outro aquele corpo angélico, tão castamente emoldurado nas roupas do noivado? Seria ainda para o outro aquela mocidade, aquela criatura divina, que deveria ser sua?!

E a mesma voz repetiu:

— Vai ficar com o padrasto...

Com o padrasto, noites e dias... fechados... unidos... sós! Fora para isso que ela se matara, para ir ter com o outro! Aquele outro de quem via o esqueleto torcendo-se na cova, de braços estendidos para a reconquista da sua amante!

Alucinado, ciumento, Eduardo arrancou então num delírio o véu e as flores de Ruth, e inclinando um tocheiro pegou fogo ao pano da essa.

E a todos que acudiram nesse instante pareceu que viam sorrir a morta em um êxtase, como se fosse aquilo que ela desejasse...

A.5 O gato preto, de Edgar Allan Poe

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena, sucintamente e sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas consequências, estes acontecimentos me aterrorizam, me torturaram e me aniquilaram. Entretanto, não tentarei explicá-los. Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica, menos excitável do que a minha e que perceberá nas circunstâncias que pormenorizo com terror apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais.

Salientei-me desde a infância, pela docilidade e humanidade de meu caráter. Minha ternura de coração era mesmo tão notável que fazia de mim motivo de troça de meus companheiros. Gostava de modo especial de animais e meus pais permitiam que eu possuísse grande variedade de bichos favoritos. Gastava com eles a maior parte do meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava comida e os acariciava. Esta particularidade de caráter aumentou com o meu crescimento e, na idade adulta, dela extraía uma de minhas principais fontes de prazer. Àqueles que têm dedicado a afeição a um cão fiel e inteligente pouca dificuldade tenho em explicar a natureza ou a intensidade da recompensa que daí deriva. Há qualquer coisa no amor sem egoísmo e abnegado de um animal que atinge diretamente o coração de quem tem tido frequentes ocasiões de experimentar a amizade mesquinha e a fidelidade frágil do simples Homem.

Casei-me ainda moço e tive a felicidade de encontrar em minha mulher um caráter adequado ao meu. Observando minhas predileções pelos animais domésticos, não perdia ela a oportunidade de procurar os das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho e um gato. Este último era um belo animal, notavelmente grande, todo preto e de uma sagacidade de espantar. Ao falar da inteligência dele, mulher que no

íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não que ela se mostrasse jamais séria preocupação a respeito desse ponto, e eu só menciono isso afinal, pelo simples fato de, justamente agora, ter-me vindo à lembrança.

Plutão - assim se chamava o gato - era o meu preferido e companheiro. Só eu lhe dava de comer e ele me acompanhava por toda a parte da casa, por onde eu andasse. Era mesmo com dificuldade que eu conseguia impedi-lo de acompanhar-me pelas ruas. Nossa amizade durou, desta maneira, muitos anos, nos quais meu temperamento geral e meu caráter - graças à diabólica esperança - tinham sofrido (coro de confessá-lo) radical alteração para pior. Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais descuidoso dos sentimentos alheios. Permiti-me mesmo usar linguagem brutal para com minha mulher. Por fim, cheguei mesmo a usar de violência corporal. Meus bichos, sem dúvida, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter. Não somente descuidei-me deles, como os maltratava.

Quanto a Plutão, porém, tinha para com ele, ainda, suficiente consideração que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro, quando, por acaso ou por afeto, se atravessavam em meu caminho. Meu mal, contudo, aumentava, pois que outro mal se pode comparar ao álcool?

E, por fim, até mesmo Plutão, que estava agora ficando velho e, em consequência, um tanto impertinente, até mesmo Plutão começou a experimentar do meu mau temperamento.

Certa noite, de volta a casa, bastante embriagado, de uma das tascas dos subúrbios, supus que o gato evitava minha presença. Agarrei-o, mas, nisto, amedrontado com a minha violência ele me deu uma leve dentada na mão. Uma fúria diabólica apossou-se instantaneamente de mim. Cheguei a desconhecer-me. Parecia que alma original me havia abandonado de repente o corpo e uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool, fazia vibrar todas as fibras de meu corpo. Tirei do bolso do colete um canivete, abri, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei-lhe um dos olhos da órbita! Coro, abrase-me, estremeço ao narrar a condenável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, quando, com o sono desfiz os fumos da noite de orgia, experimentei uma sensação meio de horror, meio de remorso pelo crime de que me tornara culpado. Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanecia insensível. De novo mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do meu ato.

Enquanto isso o gato, pouco a pouco, foi sarando. A órbita do olho arrancado tinha, é verdade, uma horrível aparência, mas ele parecia não sofrer mais nenhuma dor. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugia com extremo terror a minha aproximação. Restava-me ainda bastante de meu antigo coração, para que me magoasse, a princípio, aquela evidente aversão por parte de uma criatura que tinha sido outrora tão amada por mim. Mas esse sentimento em breve deu lugar à irritação. E então apareceu, como para minha queda final e irrevogável, o espírito de perversidade. Desse espírito não cuida a filosofia. Entretanto, tenho menos certeza da existência de minha alma do que de ser essa perversidade um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das indivisíveis faculdades primárias, ou sentimentos, que dão direção ao caráter do homem.

Quem não se achou centenas de vezes a cometer um ato vil ou estúpido, sem outra razão senão a de saber que não devia cometê-lo? Não temos nós uma perpétua inclinação apesar de nosso melhor bom senso, para violar o que é a lei, pelo simples fato de compreendermos que ela é a Lei? O espírito de perversidade, repito, veio a causar minha derrocada final. Foi esse anelo insondável da alma, de torturar-se a si próprio, de violentar a sua própria natureza, de praticar o mal pelo mal, que me levou a continuar e, por fim, a consumir a tortura que já havia infringido ao inofensivo animal.

Certa manhã, a sangue-frio, enrolei em seu pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore, enforquei-o com as lágrimas jorrando-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração. Enforquei-o porque sabia que ele me tinha amado e porque sentia que ele não me tinha dado razão para ofendê-lo. Enforquei-o porque sabia que, assim fazendo, estava cometendo um pecado, um pecado mortal, que iria pôr em perigo a minha alma imortal, colocando-a - se tal coisa fosse possível - mesmo fora do alcance da infinita misericórdia do mais misericordioso terrível Deus.

Na noite do dia no qual pratiquei essa crudelíssima façanha fui despertado do sono pelos gritos de: "Fogo!" As cortinas de minha cama estavam em chamas. A

casa inteira ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu mesmo conseguimos escapar ao incêndio. A destruição foi completa. Toda a minha fortuna foi tragada, e entreguei-me desde então ao desespero.

Não tenho a fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade, mas estou relatando um encadeamento de fatos e não desejo que nem mesmo um possível elo seja negligenciado. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio. Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribuí a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam estar examinando certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras "estranho, singular!" e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal. Ao dar, a princípio, com essa aparição, pois não podia deixar de considerá-la senão isso - meu espanto e meu terror foram extremos. Mas, afinal, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrava-me, tinha sido enforcado num jardim, junto da casa. Ao alarme de fogo, esse jardim se enchera imediatamente de povo e alguém deve ter cortado a corda que prendia o animal à árvore e o lançara por uma janela aberta dentro de meu quarto. Isto fora provavelmente feito com o propósito de despertar-me. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade de encontro à massa do estuque, colocado de pouco, cuja cal, com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçara então a imagem tal como a vimos.

Embora assim prontamente procurasse satisfazer a minha razão, senão de todo a minha consciência, a respeito do surpreendente fato que acabo de narrar, nem por isso deixou ele de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses, eu não me pude libertar do fantasma do gato e, nesse período, voltava-me ao espírito um vago sentimento que parecia remorso, mas não era. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal e de procurar, entre as tascas ordinárias que eu agora habitualmente frequentava, outro bicho da mesma espécie e

de aparência um tanto semelhante com que substituí-lo. Certa noite, sentado, meio embrutecido, num antro mais que infame, minha atenção foi de súbito atraída para uma coisa preta que repousava em cima de um dos imensos barris de genebra ou de rum que constituíam a principal mobília da sala. Estivera a olhar fixamente para o alto daquele barril, durante alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de que não houvesse percebido mais cedo a tal coisa ali situada.

Aproximei-me e toquei com a mão um gato preto, um gato bem grande, tão grande como Plutão, e totalmente semelhante a ele, exceto em um ponto. Plutão não tinha pelos brancos em parte alguma do corpo, mas este gato tinha uma grande, embora imprecisa, mancha branca cobrindo quase toda a região do peito.

Logo que o toquei, ele imediatamente se levantou, ronronou alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu satisfeito com o meu carinho. Era pois, aquela a criatura mesma que eu procurava. Imediatamente, tentei comprá-lo ao taverneiro, mas este disse que não lhe pertencia o animal, nada sabia a seu respeito e nunca o vira antes.

Continuei minhas carícias, e, quando me preparei para voltar para casa, o animal deu mostras de querer acompanhar-me. Deixei que assim o fizesse, curvando-me, às vezes, e dando-lhe palmadinhas, enquanto seguia. Ao chegar à casa, ele imediatamente se familiarizou com ela e se tornou desde logo grande favorito de minha mulher.

De minha parte, depressa comecei a sentir despertar-se em mim antipatia contra ele. Isto era, precisamente, o reverso do que eu tinha previsto, mas - não sei como ou por quê - sua evidente amizade por mim antes me desgostava e aborrecia. Lenta e gradativamente esses sentimentos de desgosto e aborrecimento se transformaram na amargura do ódio. Evitava o animal; certa sensação de vergonha e a lembrança de minha antiga crueldade impediam-me de maltratá-lo fisicamente.

Durante algumas semanas absteve-me de bater-lhe ou de usar contra ele de qualquer outra violência; mas gradualmente, bem gradualmente, passei a encará-lo com indizível aversão e a esquivar-me, silenciosamente, à sua odiosa presença, como a um hálito pestilento.

O que aumentou sem dúvida meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à em que o trouxera para casa, de que como Plutão, fora também privado de um de seus olhos. Essa circunstância, porém, só fez aumentar o carinho

de minha mulher por ele; ela, como já disse, possuía, em alto grau, aquela humanidade de sentimento que fora outrora o traço distintivo e a fonte de muitos dos meus mais simples e mais puros prazeres.

Com a minha aversão àquele gato, porém, sua predileção por mim parecia aumentar. Acompanhava meus passos com uma pertinácia que o leitor dificilmente compreenderá. Em qualquer parte onde me sentasse, enroscava-se ele debaixo de minha cadeira ou pulava sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas carícias repugnantes. Se me levantava para andar, metia-se entre meus pés, quase a derrubar-me, ou cravando suas longas e agudas garras em minha roupa, subia dessa maneira até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse o desejo ardente de matá-lo com uma pancada, era impedido de fazê-lo, em parte por me lembrar de meu crime anterior mas, principalmente - devo confessá-lo sem demora -, por absoluto pavor do animal.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia como defini-lo de outra forma. Tenho quase vergonha de confessar - sim, mesmo nesta cela de criminoso, tenho quase vergonha de confessar que o terror e o horror que o animal me inspirava tinham sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber. Minha mulher chamara mais de uma vez minha atenção para a natureza da marca de pelo branco de que falei e que constituía a única diferença visível entre o animal estranho e o que eu havia matado. O leitor há de recordar-se que esta mancha, embora grande, fora a princípio de forma bem imprecisa. Mas por leves gradações, gradações quase imperceptíveis e que, durante muito tempo, a razão forcejou para rejeitar como imaginárias, tinha afinal assumido uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução de um objeto que tremo em nomear e por isso, acima de tudo, eu detestava e temia o monstro e ter-me-ia livrado dele, se o ousasse. Era agora, digo, a imagem de uma coisa horrenda, de uma coisa apavorante. . . a imagem de uma força! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte!

E então eu era em verdade um desgraçado, mais desgraçado que a própria desgraça humana. E um bronco animal, cujo companheiro eu tinha com desprezo destruído, um bronco animal preparava para mim - para mim, homem formado à imagem do Deus Altíssimo - tanta angústia intolerável! Ai de mim! Nem de dia nem de noite era-me dado mais gozar a bênção do repouso! Durante o dia, o bicho não

me deixava um só momento e, de noite, eu despertava, a cada instante, de sonhos de indizível pavor, para sentir o quente hálito daquela coisa no meu rosto e o seu enorme peso, encarnação de pesadelo, que eu não tinha forças para repelir, oprimindo eternamente o meu coração!

Sob a pressão de tormentos tais como estes, os fracos restos de bondade que haviam em mim sucumbiram. Meus únicos companheiros eram os maus pensamentos, os mais negros e maléficos pensamentos. O mau humor de meu temperamento habitual aumentou, levando-me a odiar todas as coisas e toda a humanidade. Minha resignada esposa, porém, era a mais constante e mais paciente vítima das súbitas, frequentes e indomáveis explosões de uma fúria a que eu agora me abandonava cegamente.

Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos compelira a ter de habitar. O gato desceu os degraus seguindo-me e quase me lançou ao chão, exasperando-me até a loucura. Erguendo um machado e esquecendo na minha cólera o medo pueril que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal se eu o houvesse assestado como desejava.

Mas esse golpe foi detido pela mão de minha mulher. Espicaçado por essa intervenção, com uma raiva mais do que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta imediatamente, sem um gemido.

Executado tão horrendo crime, logo e com inteira decisão entreguei-me à tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos projetos me atravessavam a mente. Em dado momento pensei em cortar o cadáver em pedaços miúdos e queimá-los. Em outro, resolvi cavar uma cova para ele no chão da adega. De novo, deliberei lançá-lo no poço do pátio, metê-lo num caixote, como uma mercadoria, com os cuidados usuais, e mandar um carregador retirá-lo da casa. Finalmente, detive-me e considerei um expediente bem melhor que qualquer um destes. Decidi emparedá-lo na adega, como se diz que os monges da Idade Média emparedavam suas vítimas.

Para um objetivo semelhante estava a adega bem adaptada. Suas paredes eram de construção descuidada e tinham sido ultimamente recobertas, por

completo, de um reboco grosseiro, cujo endurecimento a umidade da atmosfera impedira. Além disso, em uma das paredes havia uma saliência causada por uma falsa chaminé ou lareira que fora tapada para não se diferenciar do resto da adega. Não tive dúvidas de que poderia prontamente retirar os tijolos naquele ponto, introduzir o cadáver e emparedar tudo como antes, de modo que olhar algum pudesse descobrir qualquer coisa suspeita. E não me enganei nesse cálculo. Por meio de um gancho, desalojei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente depositado o corpo contra a parede interna, sustentei-o nessa posição, enquanto, com pequeno trabalho, repus toda a parede no seu estado primitivo. Tendo procurado argamassa, areia e fibra, com todas as precauções possíveis, preparei um estuque que não podia ser distinguido do antigo e com ele, cuidadosamente, recobri o novo entijolamento. Quando terminei, senti-me satisfeito por ver que tudo estava direito. A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada. Fiz a limpeza do chão, com o mais minucioso cuidado. Olhei em torno com ar triunfal e disse a mim mesmo: "Aqui, pelo menos pois, meu trabalho não foi em vão!"

Tratei, em seguida, de procurar o animal que fora causa de tamanha desgraça, pois resolvera afinal decididamente matá-lo. Se tivesse podido encontrá-lo naquele instante, não poderia haver dúvida a respeito de sua sorte. Mas parecia que o manhoso animal ficara alarmado com a violência de minha cólera anterior e evitava arrostar a minha raiva do momento.

É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação de alívio que a ausência da detestada criatura causava no meu íntimo. Não me apareceu durante a noite. E assim, por uma noite pelo menos, desde que ele havia entrado pela casa, dormi profunda e tranquilamente. Sim, dormi, mesmo com o peso de uma morte na alma.

O segundo e o terceiro dias se passaram e, no entanto, o meu carrasco não apareceu. Mais uma vez respirei como um livre. Aterrorizado, o monstro abandonara a casa para sempre! Não mais o veria! Minha ventura era suprema! Muito pouco me perturbava a culpa de minha negra ação. Poucos interrogatórios foram feitos e tinham sido prontamente respondidos. Dera-se mesmo uma busca, mas, sem dúvida, nada foi encontrado. Considerava assegurada a minha futura felicidade.

No quarto dia depois do crime, chegou, bastante inesperadamente à casa um grupo de policiais, que procedeu de novo a investigação dos lugares. Confiando,

porém, na impenetrabilidade do meu esconderijo, não senti o menor incômodo. Os agentes ordenaram-me que os acompanhasse em sua busca. Nenhum escaninho ou recanto deixaram inexplorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à adega. Nenhum músculo meu estremeceu. Meu coração batia calmamente, como o de quem dorme o sono da inocência. Caminhava pela adega de ponta a ponta; cruzei os braços no peito e passeava tranquilo para lá e para cá. Os policiais ficaram inteiramente satisfeitos e prepararam-se para partir. O júbilo de coração era demasiado forte para ser contido. Ardia por dizer ao menos uma palavra, a modo de triunfo, e para tornar indubitavelmente segura a certeza neles de minha inculpabilidade.

- Senhores - disse, por fim, quando o grupo subia a escada - sinto-me encantado por ter desfeito suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, cavalheiros, esta é uma casa muito bem construída. . . (no meu violento desejo de dizer alguma coisa com desembaraço, eu mal sabia o que ia falando). Posso afirmar que é uma casa excelentemente bem construída. Estas paredes... já vão indo, senhores?. . . estas paredes estão solidamente edificadas. Por simples frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala que tinha na mão justamente naquela parte do entijolamento, por trás do qual estava o cadáver da mulher de meu coração.

Mas praza a Deus proteger-me e livrar-me das garras do demônio! Apenas mergulhou no silêncio a repercussão de minhas pancadas e logo respondeu-me uma voz do túmulo. Um gemido, a princípio velado e entrecortado como o soluçar de uma criança, que depois, rapidamente se avolumou, num grito prolongado, alto e contínuo, extremamente anormal e inumano, um urro, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, como só do Inferno se pode erguer a um tempo, das gargantas dos danados na sua agonia, e dos demônios que exultam na danação.

Loucura seria falar de meus próprios pensamentos. Desfalecendo, recuei até a parede oposta. Durante um minuto, o grupo que se achava na escada ficou imóvel, no paroxismo do medo e do pavor. Logo depois, uma dúzia de braços robustos se atarefava em dismantelar a parede. Ela caiu inteiriça. O cadáver, já grandemente decomposto, e manchado de coágulos de sangue, erguia-se, ereto, aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada, o olho solitário

chispante, estava assentado o horrendo animal cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco.

Eu havia emparedado o monstro no túmulo!

A.6 O retrato oval, de Edgar Allan Poe

O castelo no qual meu criado estava decidido a entrar à viva força, não consentindo que eu, ferido como estava, tivesse que passar a noite debaixo da chuvarada, era um grande edifício senhorial e melancólico, que durante muitos e muitos séculos, fora grito de guerra nos Montes Apeninos. Segundo nos disseram, tinha sido abandonado temporariamente por seus donos.

Acomodamo-nos numa das salas menores, que era também a mais modestamente mobiliada. Estava situada num torreão um tanto afastado do corpo principal do castelo; seus móveis, seus adornos, ricos e luxuosos, pareciam maltratados pela ação do tempo e apenas conservavam poucos vestígios do antigo esplendor.

Sobre as paredes caíam tapeçarias e troféus heráldicos, bem como grande quantidade de quadros modernos encerrados em molduras de ouro e madeiras finíssimas. Devido talvez ao delírio que me produzia a alta febre, senti crescer dentro de mim um grande amor por aqueles quadros que como prodigioso e estranho museu, tinha diante dos olhos.

Mandei o criado fechar as pesadas portas e as altas janelas, pois era noite cerrada, e acender o candelabro de sete braços que encontrara sobre a mesa. Descerrei, em seguida, os cortinados de cetim e veludo que rodeavam o dossel de minha cama.

Queria assim, se por acaso não chegasse a conciliar o sono, distrair-me ao menos na contemplação dos quadros na leitura de um livro de pergaminho que havia encontrado sobre a almofada, o qual parecia conter a descrição e a história de todas as obras de arte que se achavam encerradas naquele castelo.

Passei quase toda a noite lendo. Naquele livro estava realmente a história dos quadros que me rodeavam. E as horas transcorreram rapidamente e, sem que eu percebesse, chegou a meia-noite. A luz do candelabro me feria os olhos e, sem que meu criado o notasse, coloquei-o de tal modo que somente projetasse seus tênues raios sobre a superfície escrita do livro. Mas aquela troca de luz produziu um efeito inesperado. Os resplendores das numerosas velas projetaram-se então sobre um quadro da alcova que uma das colunas do leito até então tinha envolto numa sombra

profunda. Era o retrato de uma jovem quase mulher. Dirigi ao quadro uma olhadela rápida e fechei os olhos.

Não o compreendi bem a princípio. Mas, enquanto minhas pupilas permaneciam fechadas, analisei rapidamente a razão que mais fazia cerrar assim. Era um movimento involuntário para ganhar tempo, para assegurar-me de que minha vista não me tinha enganado, para acalmar e preparar meu espírito para uma contemplação mais serena. Ao cabo de alguns momentos olhei de novo para o quadro, desta vez fixa e penetrantemente.

Já não podia duvidar, ainda que o quisesse, de que então via muito claramente. O primeiro esplendor da chama do candelabro sobre a tela tinha dissipado a confusão de meus sentidos e chamara à realidade. O retrato era de uma jovem. Um busto; a cabeça e os ombros pintados nesse estilo que chamam, em linguagem técnica, estilo de “vinheta”; um tanto da “maneira” de Sully em suas cabeças prediletas. O seio, os braços e os cachos de cabelos radiantes fundiam-se imperceptivelmente na sombra que servia de fundo ao conjunto. A moldura era oval, dourada e trabalhada ao gosto moderno. Como obra de arte não se podia encontrar nada mais adorável do que a própria pintura. Mas pode ser que não fosse nem a execução da obra nem a beleza daquele semblante juvenil que me impressionou tão súbita e fortemente. Devia acreditar ainda menos que a minha imaginação, saindo de um sonho, tivesse tomado aquela mulher por uma pessoa viva.

Vi, em primeiro lugar, que os pormenores do desenho, o estilo e o aspecto da moldura não me deixariam nenhuma ilusão, ainda que momentânea, dissipando imediatamente semelhante encantamento. Fazendo estas reflexões, permaneci estendido uma hora inteira, com os olhos cravados no retrato.

Tinha adivinhado que o “encantamento” da pintura era uma expressão vital, absolutamente adequada à própria vida, que primeiro me tinha feito estremecer e que finalmente me subjugara, aterrorizado. Com um terror profundo e insopitável, coloquei de novo o candelabro na sua primitiva posição.

Tendo ocultado assim a minha vista a causa dessa profunda agitação, procurei ansiosamente o livro que continha a análise do quadro e sua história. Fui em busca do número que designava o retrato oval e li o seguinte relato:

“Era uma jovem de rara beleza e cheia de jovialidade. Maldita foi a hora em que viu e amou o artista, casando-se com ele! Ele, apaixonado, estudioso, amava,

mais do que sua esposa, a sua Arte; ela, uma jovem de rara beleza e não menos amável do que cheia de jovialidade – nada mais do que luz e sorrisos – ágil como a lebre solta no campo – amando e acariciando todas as coisas – não odiando mais do que a Arte, que era sua rival – não temendo mais do que a palheta e os pincéis. Foi uma coisa terrível para ela ouvir o pintor falar do desejo de pintar sua esposa. Mas esta era obediente, e sentou-se com doçura durante longas semanas no sombrio e alto “atelier” da torre, onde a luz penetrava por uma claraboia de cristal. Mas ele, o pintor, punha seu destino e sua glória no retrato, que avançava em cores de hora para hora e de dia para dia...

E ele era um homem apaixonado e estranho, que se perdia em sonhos, tanto que “não queria” ver que a Luz que filtrava tão lugubrememente naquela torre afastada, extenuava a saúde e a alma de sua mulher, que enfraquecia visivelmente aos olhos de todo o mundo, exceto aos dele.

Contudo, ela sorria sempre, sem se queixar, porque via que o pintor sentia um prazer doido e ardente na sua tarefa e trabalhava noite e dia para pintar aquela que amava tanto, mas que se tomava de dia para dia mais lânguida e mais débil. E, na verdade, os que contemplavam o retrato falavam em voz baixa da extrema semelhança do original como de uma prodigiosa maravilha e como de uma prova não menor do talento do pintor do que de seu profundo amor por aquela a quem pintava ato milagrosamente bem.

Todavia, mais tarde, quando a tarefa se aproximava de seu fim, já ninguém podia visitar a torre: o pintor tinha enlouquecido com o ardor de seu trabalho e não tirava os olhos da tela senão para ver a fisionomia da mulher. E “não queria” ver que as cores que gravava na tela ele as ia tirando das faces daquela que estava sentada à sua frente. E quando, decorridas muitas semanas, já faltava muito pouco trabalho – nada mais do que uma pincelada sobre os lábios e uma sombra sobre os olhos – o espírito da mulher palpitou como a chama próxima a extinguir-se palpita numa lâmpada; e então o pintor deu a pincelada sobre os lábios e a sombra sobre os olhos e, durante um momento, quedou em êxtase ante o trabalho que tinha realizado; um minuto depois, quando o olhava extasiado, um estremecimento de terror percorreu seu corpo e começou a gritar com voz aguda e destemperada.

– É a vida, é a própria vida que eu aprisionei na tela!

E, quando se voltou para contemplar sua esposa, viu que ela estava morta.”

ANEXO B - Apresentação dos contos lidos pelos alunos

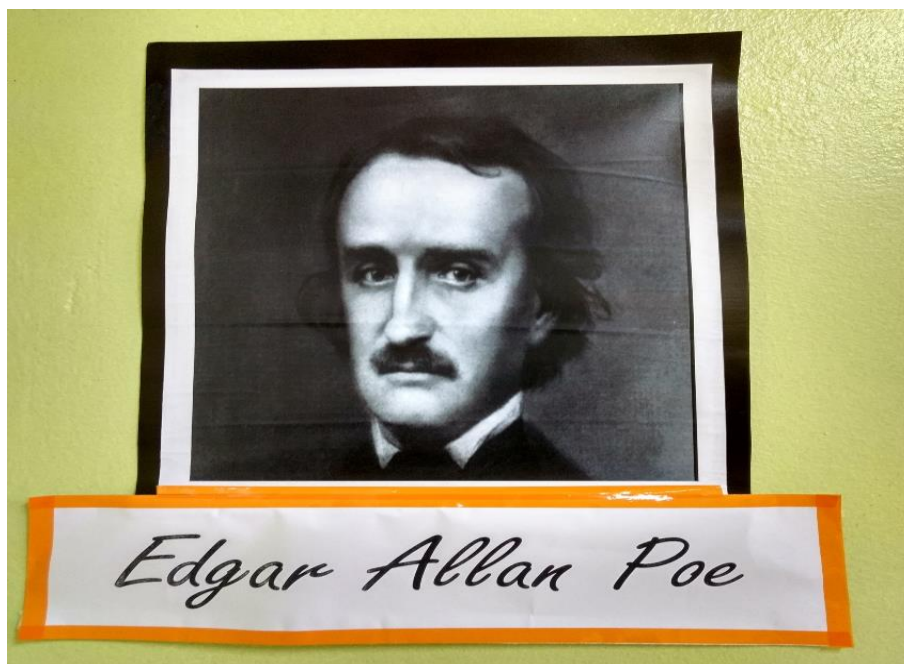


Figura 1: Edgar Allan Poe. (Arquivo pessoal)



Figura 2: Júlia Lopes de Almeida. (Arquivo pessoal)



Figura 3: Conto "O caso de Ruth". (Arquivo pessoal)



Figura 4: Detalhe do conto "O caso de Ruth". (Arquivo pessoal)



Figura 5: Detalhe do conto "O caso de Ruth". (Arquivo pessoal)

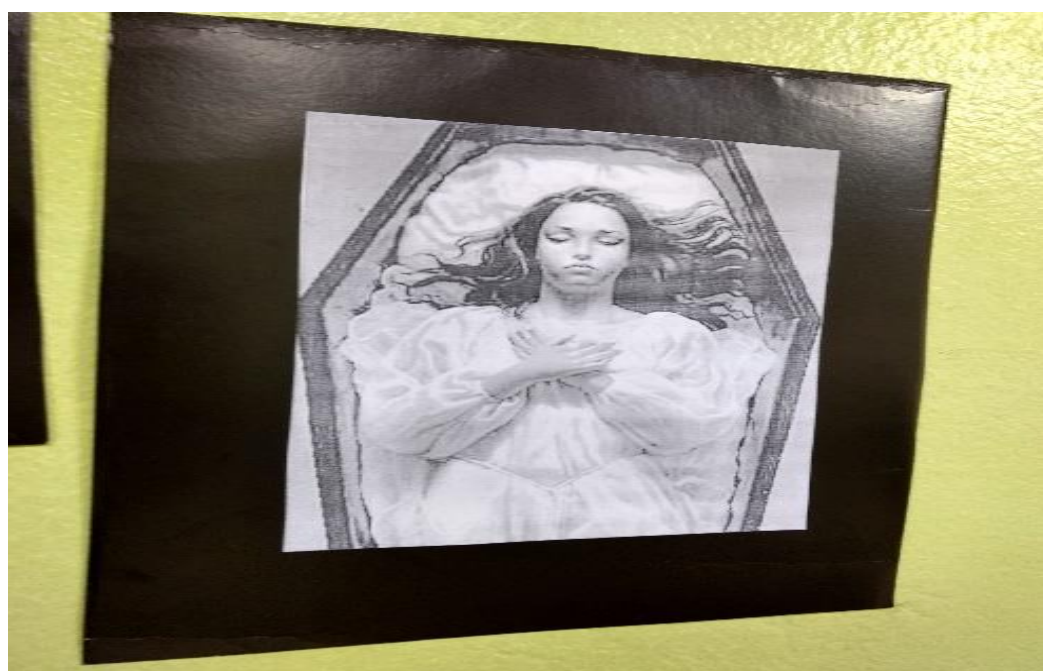


Figura 6: Detalhe do conto "O caso de Ruth". (Arquivo pessoal)



Figura 7: Conto "Missa do galo". (Arquivo pessoal)

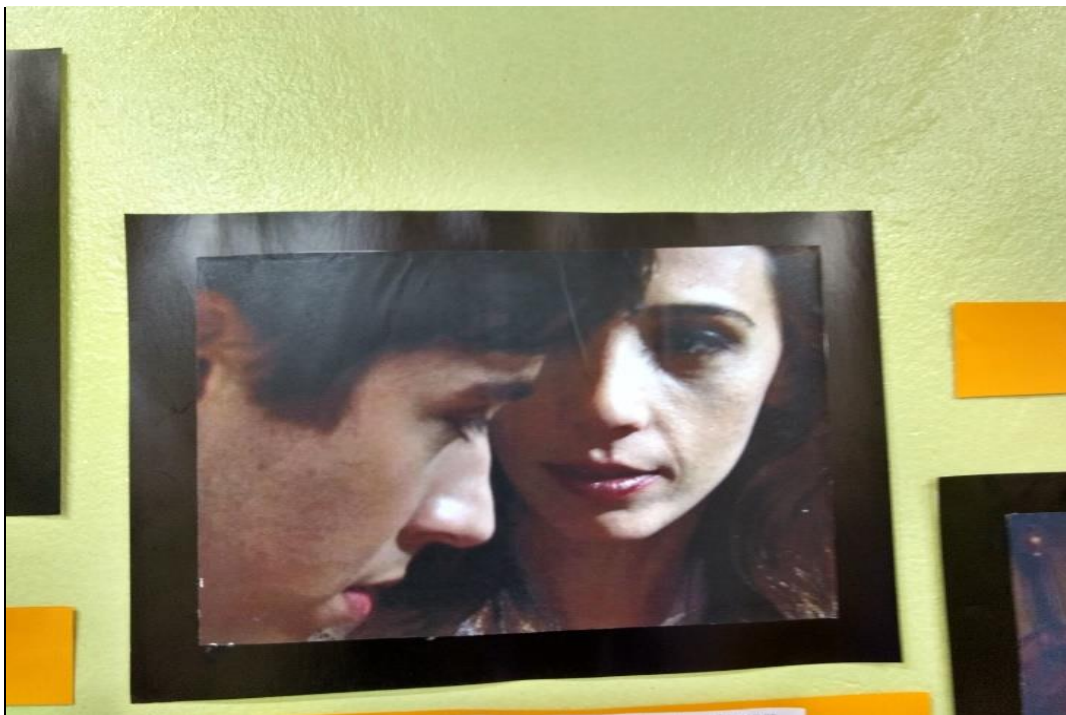


Figura 8: Conto "Missa do galo". (Arquivo pessoal)

ANEXO C - Textos produzidos na oficina "A cartomante"

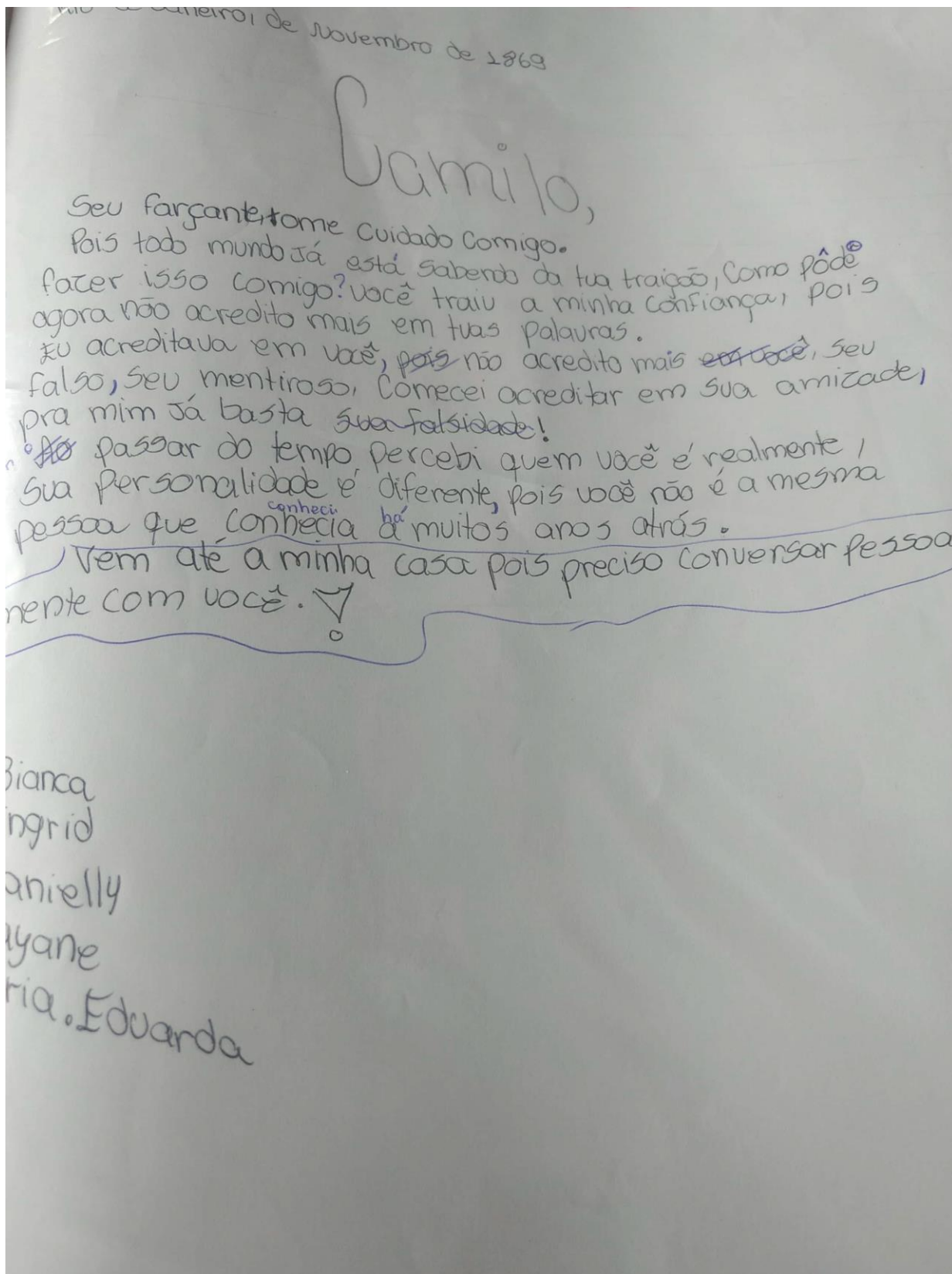


Figura 9: Texto baseado em "A cartomante". (Arquivo pessoal)

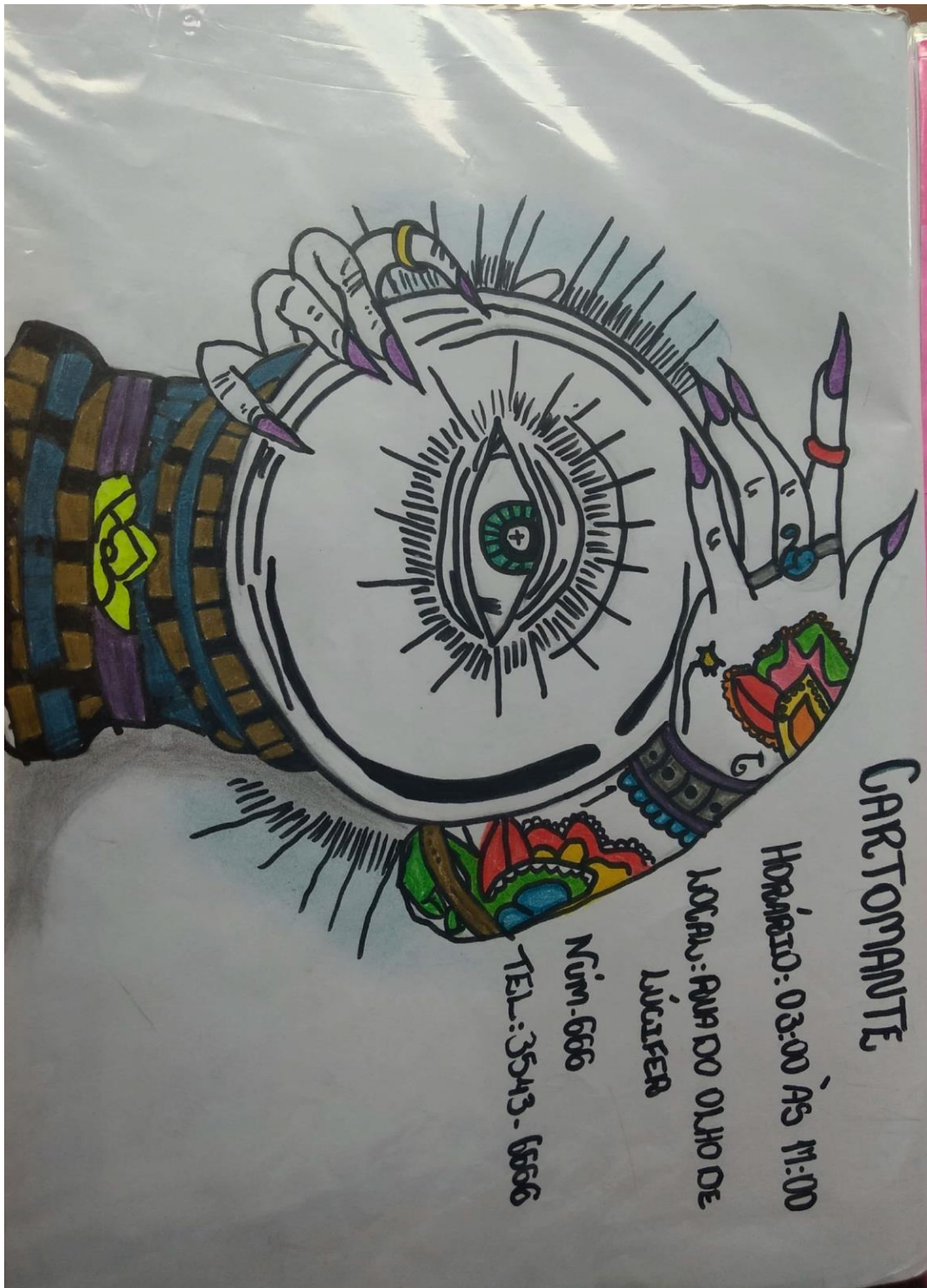


Figura 10: Desenho baseado em "A cartomante". (Arquivo pessoal)

ANEXO D - Livros selecionados pelos alunos para leitura em casa



Figura 11: Imagem de livros selecionados pelos alunos. (Arquivo pessoal)

ANEXO E - Atividades realizadas a partir da proposta de leitura e escrita das narrativas de suspense



Figura 12: Atividade em sala de aula. (Arquivo pessoal)



Figura 13: Oficina de criação textual. (Arquivo pessoal)



Figura 14: Oficina de criação textual (Arquivo pessoal)

ANEXO G - Comentários a partir da leitura feita pelos colegas do 7º ano de outra escola

* Diminua um pouco da palavra será. Está muito repetitivo.
* No terceiro parágrafo, quem cortou o dedo?
* No quarto parágrafo você poderia fazer alguma modificação, pois como um dedo tem sigla?
* 5º parágrafo = como uma gangue vai se apaixonar por uma mulher?
Bom, seu texto ficou muito bom, mas só acho que você deveria aumentar um pouco o texto e diminuir um pouco da repetição das palavras.
Parabéns !!!

Figura 17: Intervenção de aluno de outra escola. (Arquivo pessoal)

Palavras grifadas em vermelho estão erradas.
Ana, da próxima vez que for escrever um texto assim, coloque mais detalhes para o texto ficar mais rico.
P.S.: Que nome foda: Carlos Lindou!

Figura 18: Intervenção de aluno de outra escola. (Arquivo pessoal)

Uai, Erick! Meu nome é Jaina, e estou aqui para te ajudar a escrever seu texto. Que tal acordar um pouco mais o leitor? Já que é um texto de suspense, iria ficar legal. Coloque que o faxineiro achou que era um dedo de plástico e que, depois que pegou, viu que era um dedo de verdade e desmaiou. O fato de o faxineiro ter sido um detetive ficou legal, mas que tal colocar que ele desmaiou e, após acordar, saiu do prédio, se fingiu de detetive profissional e pediu ajuda à polícia. Depois, saiu perguntando aos moradores se haviam visto alguém estranho e como ele se vestia. Preste atenção à pontuação e à concordância, e você pode colocar também que ele achou, com a ajuda da polícia e a vítima com o dedo amputado. É isso!
Boa reescrita!
P.S.: não se esqueça de apresentar as personagens.

Figura 19: Intervenção de aluno de outra escola. (Arquivo pessoal)

de colocar o assassino. Então ficar apenas em um assunto como, cumprir pena na prisão. É te fazer a repetição de fatos que você já disse. Coloque um pouco mais de acontecimento na sua história, e coloque alguns parágrafos para a história ficar bem dividida.

Figura 20: Intervenção de aluno de outra escola. (Arquivo pessoal)

Ola, ~~Thainelli~~ Thainelli! O seu texto está bom, mas poderia estar melhor. Coloque uma introdução melhor e preste bastante atenção na concordância e na grafia: isso é muito importante!
Grise: os locais que precisam de melhoria e coloquei uma sugestão. Qual é o nome da vítima? Ah, não coloque que ele era a vítima no início do texto, peça à Desiree para ver meu texto. Me chamo Tainá.
Boa reescrita!

Figura 21: Intervenção de aluno de outra escola. (Arquivo pessoal)

ANEXO H - Versão final de um dos textos

A MALDIÇÃO DO QUADRO

Durante um dia de outono, sombrio e mudo, em que as nuvens pesadas e baixas oprimiam a terra, estava eu, meu filho e um amigo em uma região bastante lúgubre. Finalmente, ao adensarem as sombras da noite, avistei em frente um lampião aceso iluminando a entrada de uma casa com estilo antigo.

Ao chegar à casa, vimos que ela não aparentava ser habitada, pois, pelo lado de fora tudo estava estragado. Pensamos um pouco e entramos. À primeira vista, ficamos impressionados, pois ao contrário do que mostrava pelo lado de fora, por dentro era muito bem conservada, muito bem cuidada; ficamos admirados com o que víamos.

Fomos andando, conhecendo a casa. Na sala de jantar, dois candelabros de ouro iluminando o ambiente e a mesa cuidadosamente posta com requinte, parecia preparada para receber visitas.

Não havia nem sinal de moradores, por isso, resolvemos sentar à mesa e aproveitar. Assim que começamos a comer, ouvimos um barulho estranho e pedi então que meu filho e meu amigo se calassem.

Eles também ouviram e disseram:

- Como pode haver barulho em uma casa vazia e numa região tão distante, por onde não anda ninguém?

Eu disse:

- Como não há ninguém? Como explicar a mesa arrumada e a casa tão bem conservada?

De repente, outro barulho horripilante vindo do corredor. Todos, assustados, passaram a concordar comigo.

Entramos em uma sala que mais parecia uma galeria de quadros. Lá, quadros de todos os tamanhos, um mais belo que o outro.

Como não havíamos encontrado nada, resolvemos passar a noite ali e continuar nossa viagem pela manhã.

Para sentirmo-nos mais seguros, decidimos que um de nós ficaria vigiando caso algo estranho aparecesse ou acontecesse.

Eu fui escalado para o primeiro turno. Passado um tempo, todos adormeceram. Fiquei ali, observando os quadros, não conseguia tirar os olhos de um deles, era fascinante, a pintura tão perfeita, parecia que a mulher nele retratada, lá estava, viva!

De tão fascinado, cheguei mais perto para observá-lo melhor. Pensei em pegá-lo e levá-lo comigo. Subi em uma cômoda e o retirei da parede. Percebi que atrás, na parede, havia um livro. Peguei-o e resolvi folheá-lo para que o tempo passasse. À medida que lia, ia percebendo que era contada a história do quadro. Depois de um curto tempo de leitura, li o seguinte:

“Este retrato foi pintado por um dos pintores mais famosos da França. A linda moça retratada é Catarina, esposa do pintor. Devido a sua ganância, foi amaldiçoado, tendo a alma de sua esposa presa no quadro para sempre...”

Acabei adormecendo durante a leitura. De repente, ouvi um grito de socorro e acordei assustado. Vi que meu filho estava morto, preso no quadro no lugar de Catarina.

Na minha ganância pelo quadro, não li o aviso que deixava claro que o objeto não poderia ser retirado do local, pois caso isso acontecesse, a pessoa que o fizesse sofreria a mesma maldição que sofreu o pintor.

Vivi o resto de minha vida carregando a culpa pela morte de meu filho.

SARA LEITE DUPIM

**ANEXO I - Ilustrações feitas por um aluno a partir do tema escolhido:
Suspense/mistério**



Figura 22: Ilustração feita por um aluno. (Arquivo pessoal)



Figura 23: Ilustração feita por um aluno. (Arquivo pessoal)

ANEXO J - Entrando no clima: “totalmente”...



Figura 24: Quatro alunas preparadas para encenar um conto. (Arquivo pessoal)